



MÁRCIO APOLINÁRIO DE OLIVEIRA SILVA

Rock autoral do DF

Brasília – DF

2018

Márcio Apolinário de Oliveira Silva

Rock autoral do DF

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Patrimônio Cultural Artístico, Lato Sensu - a distância, do Programa de Pós-Graduação em Arte-PPG-Arte Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Ferreira Corrêa.

Brasília – DF

2018

Márcio Apolinário de Oliveira Silva

Rock autoral do DF

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Patrimônio Cultural Artístico, Lato Sensu - a distância, do Programa de Pós-Graduação em Arte-PPG-Arte Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Ferreira Corrêa.

Brasília-DF, dezembro de 2018.

Brasília – DF

2018

DEDICATÓRIA

À Deus.

À Minha mãe, Bernadete Furtado de Oliveira.

À Amiga, Leticia Augier de Figueiredo. (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Na realização desta obra, devo meu voto de gratidão:

À Eliane Ruas, por coordenar com imensa dedicação este curso tão importante para a preservação, memória e identidade do povo brasileiro.

Ricardo Rertz, por criar o grupo bandalheiras e assim possibilitar um canal de interação entre produtores e artistas com o rock do DF.

À Clara Novais, pelos incentivos e conselhos.

A Magu Cartabranca, pela entrevista concedida.

A Helio Gazu, pela entrevista concedida.

A Cacá Silva, pela entrevista concedida.

A Angelo Macarius, pela entrevista concedida.

A Geldo Araújo Vulgo Wolverine, Pela amizade e por me apresentar Angelo Macarius.

À Maria Nunes, pelos incentivos na minha formação.

RESUMO

O tema da pesquisa é o rock autoral do Distrito Federal e tem por objetivo preservar a memória do rock brasileiro, patrimônio cultural imaterial do DF. Foi realizado um panorama histórico-cultural dos atores e bandas que ajudaram na construção do rock no DF. A metodologia de pesquisa utilizada foi a descritiva. Foi realizado um levantamento das características e outras informações sobre o rock do DF, desde início até a cena atual. Quanto ao procedimento para coleta de dados, foram produzidas quatro entrevistas com pesquisadores e personalidades do rock do DF, Magu Cartabranca, Cacá Silva, Helio Gazu e Angelo Macarius. Um questionário com doze perguntas foi elaborado pelo autor da pesquisa e respondido por representantes de vinte e duas bandas. A apresentação e análise dos resultados foram realizadas através desse questionário, assim como as discussões sobre os resultados. Os levantamentos dos dados obtidos revelam uma rica história do rock autoral do DF, desde o início do rock em Brasília à cena atual do rock na capital.

Palavras-chave: Rock. Bandas autorais. Patrimônio Cultural.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: PANORAMA HISTÓRICO DO ROCK AUTORAL DO DF.....	4
1.1 Entrevistas.....	8
1.2 Magu Cartabranca.....	9
1.3 Hélio Gazu.....	13
1.4 Cacá Silva.....	19
1.5 Angelo Macarius.....	21
CAPÍTULO 2: BANDAS AUTORAIS.....	27
2.1 Banda Tenneso.....	27
2.2 Banda Beholder's Cult.....	27
2.3 Banda Subinstante.....	28
2.4 Banda Confusão Mental.....	28
2.5 Banda Daren.....	28
2.6 Banda Último Amanhã.....	29
2.7 Banda Mitsein.....	29
2.8 Banda Diferencial Zero.....	30
2.9 Banda A Drink to Death.....	30
2.10 Banda Ursa.....	30
2.11 Banda Nomes Feios.....	31
2.12 Banda Dínamo Z.....	31
2.13 Banda Macarius Fusion.....	31
2.14 Banda Daniela Firme.....	32
2.15 Banda Kaleidoskope.....	32
2.16 Banda Voz Eterna.....	33
2.17 Banda Distintos Filhos.....	33
2.18 Banda Os Cachorros das Cachorras.....	33
2.19 Banda Areal34.....	34
2.20 Banda Os Cabeloduro.....	34
2.21 Banda Detrito Federal.....	34
2.22 Banda Rock Brasília.....	35

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	44

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Carimbo de aprovado do D.P.R.....	7
Gráfico 1: Regiões administrativas de origem.....	36
Gráfico 2: Regiões administrativas de origem.....	37
Gráfico 3: Bandas que já tocaram fora do DF.....	38
Gráfico 4: Vertentes musicais declaradas.....	39
Gráfico 5: Vertentes musicais declaradas.....	39
Gráfico 6: Vertentes musicais declaradas.....	39

INTRODUÇÃO

O tema pesquisado aborda o rock autoral do DF, como produtor cultural, e militante da área da cultura, fui eleito em 2012 para o colegiado da música da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, para atuar na câmara gestão, fomento infraestrutura e serviços, ocupando a cadeira da sociedade civil. Eleito pela sociedade civil também, para representar o DF no ultimo fórum nacional de cultura em 2015 no Rio de Janeiro, recentemente em julho de 2015 comecei a coordenar alguns eventos políticos culturais devido ao momento político que o país vive, foram 13 edições convidando artistas de diversas linguagens da cultura e vertentes musicais. O que me chamou a atenção foi a quantidade de bandas de rock que demonstrava interesse em participar do evento, conversando com o público e as bandas de rock que passaram a ser maioria a se apresentar no evento, senti um desprestígio para com o rock, principalmente pela importância deste gênero musical reconhecido nacionalmente como a identidade de Brasília com a musica brasileira. Comecei a pensar em algumas formas que pudesse contribuir para promoção e preservação deste gênero musical.

Uma oportunidade real de contribuir apareceu com possibilidade de fazer uma pós-graduação em arte, que visava justamente tratar deste assunto de conscientizar para a preservação e promoção do patrimônio cultural e artístico ai vi minha motivação se materializar através da possibilidade de dar início a uma pesquisa que pudesse levar a preservação da história do rock autoral do DF. É um privilegio, está contribuindo com a preservação de um patrimônio cultural tão importante da cidade onde nasci esta pesquisa é o inicio deste trabalho que pretendo dar continuidade.

O rock conta com um grande mercado de consumo no Distrito Federal, cidade que tem um alto potencial econômico, consumidores dos mais variados produtos e uma cadeia produtiva considerável de profissionais e fornecedores. No final dos anos 70 e nos anos 80, Brasília rapidamente se transformava em um movimento cultural, por causa da quantidade de bandas que alcançaram o sucesso em nível nacional, fato que deu origem a expressão “Brasília capital do rock”. A cidade foi berço das principais bandas da época como Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial. As canções “Que país é este”, “Até quando esperar”, "Veraneio Vascaína", “O Concreto Já Rachou” compostas por estes grupos estouraram pelo

Brasil afora, pois possuíam discurso contundente e críticas ao governo e às instituições. As canções de protesto dividiam espaço nas mesmas rádios que tocavam temas populares, como trilha de novelas e hits de cantores e grupos românticos, característicos da época. Sem dúvida o rock foi a maior contribuição de Brasília para a música brasileira e é preciso preservar a memória deste estilo musical em toda a sua amplitude.

Segundo o texto do Projeto de Lei nº 567/2015, o rock é para milhares de pessoas, não apenas um estilo de música ou uma vertente musical de preferência, mas um estilo de vida. De acordo com o processo legislativo do PL, em 2016 foi sancionada a Lei Nº 567/2015, de autoria do Deputado Ricardo Vale, pelo então Governador do DF Rodrigo Rollemberg. O documento declara o Rock Brasiliense como Patrimônio Cultural Imaterial do Distrito Federal. Um gesto importante de reconhecimento para a consolidação e preservação da memória do rock do DF. Entretanto, até o momento, nenhuma medida ou ação concreta foram realizadas tendo em vista a preservação da história cultural e os atores envolvidos na construção do patrimônio rock brasiliense (Distrito Federal, 2016).

A presente pesquisa tem como objetivo geral preservar a memória do patrimônio cultural imaterial, dando ênfase ao rock autoral do DF. Para tanto, foram definidos dois objetivos específicos: realizar um mapeamento das bandas desde o surgimento do rock no DF até os dias atuais e fazer um panorama histórico-cultural dos atores que ajudaram na construção do rock autoral do DF.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a descritiva. Foi realizado um levantamento das características e outras informações sobre o rock do DF, desde início até a cena atual. Quanto ao procedimento para coleta de dados, foram produzidas quatro entrevistas com pesquisadores e personalidades do rock do DF. Duas entrevistas aconteceram de forma presencial utilizando um gravador de voz, enquanto as outras duas ocorreram via o aplicativo WhatsApp. Para mapear as bandas, foi elaborado um questionário na plataforma Google Docs com doze perguntas que foi apresentado de forma on-line em dois grupos de divulgação com a temática cultura e em um grupo de bandas no aplicativo WhatsApp. Representantes das vinte e duas bandas responderam ao questionário, o qual teve as respostas transcritas.

Foi realizado também estudo em sites, jornais eletrônicos e artigo científico sobre a Identidade, cultura e música em Brasília, de Guilherme Paiva

Carvalho.

O trabalho visa preservar o rock autoral do DF, que é patrimônio cultural imaterial dessa região. A pesquisa está estruturada em introdução, três capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo trata de um panorama histórico-cultural sobre o rock do DF, aborda sobre a ditadura militar em pleno período do nascimento do rock, a dificuldade das bandas com as gravadoras da época e traz entrevistas com quatro personalidades da cena do rock no DF: Magu Cartabranca, Cacá Silva, Hélio Gazu e Angelo Macarius.

No segundo capítulo, foram mapeadas vinte e duas bandas autorais do DF através de um questionário. O capítulo traz um breve resumo das bandas que responderam ao questionário.

No terceiro capítulo, foi realizada uma análise dos dados e discussões sobre os resultados e, por fim, as considerações finais tratam da importância da realização da pesquisa, dos objetivos alcançados, como aos resultados foram alcançados e os próximos passos para dar continuidade e divulgação à pesquisa.

CAPÍTULO 1: PANORAMA HISTÓRICO DO ROCK AUTORAL DO DF

Este capítulo foi embasado em relatos de agentes culturais e integrantes de bandas de rock da capital federal. A construção dos fatos e a ordem cronológica foram feitas de acordo com depoimentos realizados durante as quatro entrevistas: Magu Cartabranca – criador da banda Sepultura, do Cruzeiro, e hoje integrante da banda Rock Brasília; Ângelo Ferreira – fundador da Nata Violeta e compositor na Macarius Fusion; Cacá Silva - fundador da Imagem Obscura; e Hélio Gazu, da banda Os Cabeloduro. Outros dados foram abstraídos de reportagens em jornais e revistas da época e livros.

O Rock é um estilo musical oriundo dos Estados Unidos (EUA) que nasceu na década de 50 e tornou-se mundialmente conhecido. Ele caracterizou-se como um estilo não só musical, mas comportamental, de irreverência e atitude. A maioria das bandas têm a formação com um vocalista, um baixista, um baterista e um ou dois guitarristas. Outros instrumentos como teclado e percussão podem ser utilizados, mas a marca registrada do rock é a guitarra elétrica.

O estilo musical tem várias vertentes: Rock Clássico, Heavy Metal, Hard Rock, Glam Rock, Indie Rock, Grunge, Rock Progressivo, entre outros. Embora seja da década de 1950, foi apenas nas décadas de 1970 e, especialmente, de 1980 que surgiram as bandas que atraíram multidões em estádios e festivais. Desde o ano 2000 o estilo tem perdido espaço para o hip-hop e outros gêneros musicais. Entretanto, o rock tem um público fiel e as bandas mais conhecidas continuam a lotar os shows no Brasil.

Segundo Rocha Lima (2013), os primeiros registros do rock autoral no DF começaram na década de 1960, mais precisamente em 1967, incentivados pelo sucesso internacional dos Beatles, Rolling Stones, The Byrds, e também com influência do movimento iê-iê-iê da jovem guarda liderado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia. A primeira banda autoral formada no DF foi chamada de “Reges”. “Os primitivos”. Foi a primeira a lançar um disco na nova capital e se projetar, ainda que timidamente, no eixo Rio São Paulo.

Durante a década de 1970, houve o início do que seria chamado “Movimento Rock Brasília”, com as bandas Tella, Sepultura e Mel da Terra, que

tinham uma pegada mais progressista com influência da MPB. Estas bandas alcançaram um relativo sucesso em centros culturalmente mais desenvolvidos. Na mesma época, a cena cultural de Brasília começava a tomar corpo, ainda mais com o surgimento do movimento punk e dos grupos como “Sex Pistols” e “The Clash”, que tiveram grande repercussão no Reino Unido e nos Estados Unidos.

A matéria do jornal “Correio Braziliense”, publicada em 2013, afirma que Felipe Lemos foi um dos jovens que teve contato com este gênero musical e veio morar na capital. Ele tinha retornado de Londres entusiasmado com a música punk e, em 1978, conheceu Renato Russo que já tocava como Renato Russo Trovador e André Pretorius, filho do embaixador sul-africano. Foi a partir daí que decidiram formar a banda “Aborto Elétrico”, a qual iniciou o movimento punk em Brasília. Em 1982 o Aborto Elétrico se dissolveu, mas deixou um legado, pois foi o embrião de várias bandas. Renato Russo formou a Legião Urbana com Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, “sobrinho-neto do compositor Heitor Villa Lobos” Canta gavião, foi o nome de batismo do evento que acontecia em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, no Cruzeiro Velho, em 1977. O local virou o point do rock, pois Renato Russo, Capital Inicial, Plebe Rude e outras bandas do DF passaram por lá. Canta gavião logo ganhou apoio de estrutura da gerência de cultura da Administração Regional do Cruzeiro. O movimento punk também se reunia para tocar, com frequência, na Colina, e no porão em frente ao curso de História, ambos localizados na Universidade de Brasília (UnB).

Ainda de acordo com Correio Braziliense (2013), os irmãos Felipe e Flávio Lemos, baterista do Capital Inicial, tocavam junto com Renato Russo, Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial, Hebert Vianna e Bi Ribeiro. Eles formavam um grupo chamado de “A turma”

O movimento punk da época tinha um bar para chamar de seu, era o Cafofo, que ficava na 408 Norte. Outro local frequentado era a 110/111 Sul, onde existia o Cine Karim e uma lanchonete chamada Chaplin, que mudou de nome para Food's, em 1980. Nesta época existia apenas um estúdio de gravação, ficava no rádio center, local onde gravou Legião Urbana, Renato Russo e todo este pessoal. Em 1984 o estúdio fechou.

Esta primeira década do rock autoral do DF, até o final dos anos 90,

tinha um fator relevante: a influência das gravadoras nos trabalhos das bandas. No final dos anos 70 e até meados dos anos 80, as bandas passavam bastante dificuldades para ter acesso às gravadoras, pois todas ficavam localizadas no eixo Rio-São Paulo. Quando tinham acesso e conseguiam um contrato tinham que se sujeitar as regras estabelecidas pelas gravadoras. Neste período, não existia gravadoras independentes apenas multinacionais, as gravadoras americanas, como era o período de ditadura militar era proibido gravar, ter rádio independente, a informação era muito controlada, as gravadoras estipulavam metas de vendas para os artistas. Aqueles que não cumprissem a meta tinham o contrato rescindido e muitas vezes os direitos autorais ficavam presos com o gravador, neste caso era necessário entrar na justiça para reaver os direitos de uso das músicas.

As gravadoras influenciavam em praticamente tudo, quem ia tocar na rádio, qual música iria ser lançada, qual o artista seria priorizado e até o que a banda deveria vestir. Algumas bandas famosas tiveram problemas com suas respectivas gravadoras, foi o caso do Capital Inicial que não conseguiu bater a meta de vendas de 20 mil cópias do seu quinto álbum e teve seu contrato não renovado. A Legião Urbana, durante a gravação do seu primeiro álbum, se desentendeu com a gravadora EMI-Odeon, que queria que o grupo tivesse um estilo country.

Outro fator importante a ser registrado nesta pesquisa é que o rock nasceu no período do golpe militar de 1964, portanto em plena ditadura militar. Paiva (2015) acredita que além das dificuldades impostas pelas gravadoras, as bandas tinham que conviver com o autoritarismo, discriminação e a censura. Quando as bandas marcavam seus shows precisavam levar as letras das músicas que iriam tocar e pedir autorização para tanto na sede da Polícia Federal. Caso não fosse autorizado, levavam o carimbo de censura e a música determinada não podia mais ser tocada. A repressão era tanta que os discos que já tinham sido fabricados eram arranhados nas faixas proibidas para não serem reproduzidas. Esses fatores ajudaram a impulsionar as bandas porque a essência das músicas e do próprio movimento punk é um movimento de contestação, de liberdade e de livre expressão e o foi concebido como um símbolo de luta e resistência da população que estava cansada de repressão. Era uma forma de se engajar contra a ditadura e que combinava com o lema do punk “Faça você mesmo”.

Figura 1: Carimbo de aprovado do D.P.R.



Fonte: Arquivo pessoal do Cacá Silva

Nos anos 80 o desejo pelo fim da ditadura militar tornou-se mais forte, bem como pelo pensamento livre e pela liberdade expressão. Isso estimulava alguns jovens a se reunirem e a colocarem suas respectivas bandas em circulação, mesmo que reprimidos pela polícia local.

A década de 1980 foi o auge do rock nacional e, por estar a mais tempo em contato com o ritmo musical, em meados dos anos 80, Brasília foi aclamada como Capital do Rock Brasileiro, devido à quantidade e qualidade de bandas originárias da capital. As bandas que se destacaram nacionalmente, nesta época, foram Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, porém mais bandas eram reconhecidas na cidade como, Arte no Escuro, Beta Pictoris, Escola de Escândalo, entre outras. Houve a gravação de dois LP'S em coletânea que foram bastante divulgados na mídia, a Coletânea Rumores, que foi remasterizada no formato de CD, e Rock Brasília Explode Brasil, ambos sucessos de vendas na cidade, durante o lançamento.

Segundo Correio Braziliense (2013), Brasília, nos anos 80, exportou para o resto do Brasil uma quantidade expressiva de bandas de rock que tiveram projeção nacional e continuam a fazer sucesso até hoje, tais como, Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial e podemos dizer que até mesmo o Paralamas do Sucesso, fundada por Hebert Vianna e Bi Ribeiro, em 1981, no Rio de Janeiro. Hebert e Bi se conheceram em Brasília, viveram e foram influenciados pelo início do movimento do rock de Brasília. Eles exerceram um papel relevante na formação da cena musical do rock do DF, sendo mediador na gravadora EMI-Odeon com as outras bandas de Brasília. Paralamas do Sucesso também contribuiu para que a cidade fosse reconhecida carinhosamente como capital do Rock. A produção não parou nos anos 80. Nos anos 90, a cidade continuou a chamar a atenção da crítica e do público de todo o Brasil, o point das bandas era no Teatro Garagem do SESC, localizado na 913 Sul. Lá tinha uma diversidade maior de vertentes musicais, como o SKA e o Hardcore. Os anos 90 revelou grupos como: Raimundos, Little Quail and The Mad Birds, Os Cabeloduro, Oz, DFC, entre outros. As canções destas bandas foram executadas em FM's e festivais por todo Brasil, dando continuidade ao título de Capital do Rock.

Paiva (2015) explica que a partir de 2000, banda como Móveis Coloniais de Acajú conquistou o público em todo Brasil. Apesar do maior sucesso do Rock em Brasília ter sido nos anos 80, atualmente a cidade possui um número superior de bandas do que naquela época. Entretanto, o público diminuiu bastante, parece que o público ficou preguiçoso, porque tudo está mais acessível com o advento da internet. Hoje você pode escutar e ver as bandas no computador, em casa ou até mesmo na palma da mão, pelo celular. O grande desafio desta geração é engajar de novo o público nos shows.

1.1 Entrevistas

Neste subcapítulo contextualizo tudo que foi observado e conversado com os quatro entrevistados: Magu Cartabranca, Hélio Gazu, Angelo Ferreira e Cacá Silva. Tais personagens viveram e protagonizaram a história do rock no DF.

1.2 Magu Cartabranca

Magu Cartabranca, 58 anos, fundador do Sepultura de Brasília e hoje é cantor na banda Rock Brasília. A entrevista foi feita pessoalmente no dia 4 de novembro de 2018.

Segundo Magu Cartabranca, o rock no DF começou no Cruzeiro Velho, em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, próximo onde hoje se localiza a biblioteca Rubens Valentim. Magu afirma que na metade dos anos 70 surgiram as bandas autorais de rock que até hoje são consagradas. Ele alegou “cada qual com sua história memorável”. Renato Russo Trovador, a banda Capital Inicial, o ícone da música brasileira Legião Urbana, a banda Sepultura de Brasília entre outras bandas se reuniam para fazer apresentações lá.

Magu afirmou que o rock começou em 1976, tudo que se tem registro provém a partir da data. Ele lembrou de uma banda chamada Tella, que tocava rock progressivo, som viajante com uma guitarra bem longa, parecida com o som do Led Zeppelin, “bem poderosa”, como caracterizou. A banda ficou muito conhecida, com muitos shows no espaço do rock da cidade, o Galpão/Galpãozinho, nas 708 Sul, e ele acredita que seja daí que a juventude de Brasília começou a despertar o desejo de fazer música. E ele continuou a contar entusiasmado, a história do rock no DF. “Há boatos que existia uma banda desde 1969, mas não há registro sobre o grupo”, ele explanou.

A segunda banda de rock, a Sepultura do Cruzeiro, surgiu em 1977, e segundo ele, também tocava rock progressivo na linha de paz e protesto. Magu foi o fundador da banda que nasceu de uma equipe de som. Ele continuou a relatar a história da origem do rock de Brasília e alegou que logo depois da Sepultura, surgiram várias outras bandas, tais como; Aborto Elétrico - que se dissolveu e virou Legião Urbana e Capital Inicial, Cinco Gerais, Marciano Sodomita e Paralamas do Sucesso, depois veio Mel da Terra, Plebe Rude, Cassia Eller, no famoso Bar Bom Demais, na 706 Norte. “Foi aí que Brasília virou a capital do rock”, explicou ele.

A banda do Magu Cartabranca, também tocava no Entorno de Brasília,

tocou com a banda Fusão, uma das mais antigas da época, formada na Cidade Ocidental. Ele explicou que nos shows da Sepultura, no Cruzeiro, ia muita gente de Luziânia. A banda, em Brasília, começou se apresentando na FUNARTE e no Canta Gavião, local como Magu lembrou e foi explicado anteriormente, se tornou point, ganhou uma estrutura privilegiada e contava com o apoio da Gerência de Cultura do Cruzeiro. “Ali começou a história do rock do DF”, disse ele.

Magu recordou que depois do Canta Gavião, ele tocou no Concerto Cabeças, na 111 Sul. “Uma diferença do Concerto, é que lá era mais elitizado e tocava um som variado, Osvaldo Montenegro, Toquinho, Renato Matos entre outros nomes da música brasileira e abria espaço para as bandas de rock”, afirmou. Ele comentou que o evento era bem restrito, só tocava os amigos do dono e a Sepultura conseguiu tocar porque o público insistiu para que eles se apresentassem lá. Depois, a rampa do Parque da Cidade virou local do evento e posteriormente veio o Panelão da Arte, na 312 Norte, organizado pelo ativista Zelito Passos. Cartabranca, na entrevista, disse que era um movimento muito bacana na Norte. No final dos anos 80, a balada foi para o Gran’ Circo Lar.

Magu é um bom contador de história e lembrou até que a mãe do Felipe Seabra, da Plebe Rude, começou a organizar concertos na península, perto da ponte do Bragueto e estes eventos na época costumavam passar de 1.000 pessoas, às vezes mais. “Isso no início de Brasília, era um bom público. Os fãs passavam a semana inteira esperando estes eventos e geralmente aconteciam no domingo e lotava”, completou.

Depois desta lembrança, o assunto foi para o Gama, local onde também tinha uma forte cena do rock, a exemplo da ARUC no Cruzeiro, a Mocidade Independente do Gama também abriu as portas para o rock autoral. “Diferente da realidade de hoje que dá vinte, trinta pessoas. As cidades que ainda prestigiam o rock autoral são Planaltina, Guará, Gama, Luziânia e no Entorno de Brasília também tem um público bom, os shows lotam”, disse.

O Sepultura abriu o show do Serguei, o vovô do rock. Magu explicou uma triste realidade. Para ele, hoje a grande maioria das bandas paga para tocar. Existem alguns poucos espaços bacanas, desde chácaras de amigos que abrem para realizar apresentações a recente Vigília Cultural Pela Democracia, que

aconteceu no Museu da República e eventos itinerantes, como o Sarau Psicodélico que roda pelo DF e Entorno. “Mas hoje é muito difícil. Não é como era antigamente, era show de rock com multidão, era mais rock, mais vida. E continuou: “Hoje o rock realmente está cambaleante, um sonho seria se voltasse aqueles concertos de rua para reviver aquela história, o glamour do rock do passado. Hoje nem o FAC (Fundo de Apoio à Cultura) o rock consegue acessar mais”, assegurou.

Magu lembrou que o primeiro trabalho de produção de um LP do famoso Tom Capone, foi com o Sepultura de Brasília o nome dado ao disco foi, A Verdadeira Sepultura, Tom Capone foi produtor de renomados artistas e bandas como Raimundos, Legião Urbana, Renato Russo, Skank, O Rappa, Maria Rita, Catedral, Gilberto Gil, Lenine, Osvaldo Montenegro, Hebert Viana, Marisa Monte, Detonautas, Roque Clube, Milionário e José Rico, Preta Gil. Tom faleceu em acidente de moto, em 2004, quando foi premiado no Grammy Latino, em Los Angeles, nos Estados Unidos.

Nesta época, Sepultura do Cruzeiro estava em contato com a gravadora continental, em São Paulo, mas aí a banda sofreu um baque muito grande com a morte do vocalista Claudio Acioli e ficou parada por dois anos, até se reestruturar, comentou ele. Foi aí que Magu assumiu o vocal que era dividido com Isamar. A banda ainda sofreu outra perda, em 1994, com o falecimento do baterista Ivo, que chegou a tocar com Toni Tornado. Com os incidentes as negociações não avançaram.

Após a morte do baterista, segundo Magu, surgiu uma outra banda chamada Sepultura que estourou no mundo e invadiu o Brasil. “Ai começou o declínio do Sepultura de Brasília, gravamos mais um disco no tradicional Zen Estúdios, localizado no setor de rádio e TV Norte e fomos engolidos pela fama do outro Sepultura”, alegou.

Em 1991/92 começou uma briga judicial para ver quem ficava com o nome Sepultura. Cartabranca disse que tentou-se um acordo mas não teve jeito, a briga foi até o Supremo. O ministro Dias Tofoli foi quem deu causa ganha para o Sepultura de Minas Gerais, por ter registrado primeiro no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) ganharam o direito de usar o nome, enquanto o Sepultura do DF só se baseava na ordem dos músicos, que, como ele mesmo afirmou, não valia

nada. “Daí o Sepultura usou outros dois nomes IML e Clínica Geral, a banda se dividiu e cada um seguiu a sua carreira”, informou.

Magu contou que outro fator que determinava, na época, a contratação de uma banda por uma gravadora que tinha sua sede no eixo Rio/São Paulo, era fazer parte da panela que existia em Brasília, liderada pelo vocalista de uma famosa banda, que chegou primeiro no eixo Rio, São Paulo. “Era ele que decidia quem levava. O Renato Russo o conhecia e levou a Legião Urbana e Capital Inicial”, explicou. Cartabranca comentou que uma gravadora chegou a fazer um concerto, até gravaram uma coletânea com várias bandas de Brasília que estavam surgindo na época. Ele acredita que uma produtora renomada estava por trás do fato, mas que simplesmente engavetaram a coletânea, e travaram todo mundo, todas as bandas que participaram acabaram. “Sorte que o Sepultura não participou”, disse aliviado.

Na época, as gravadoras controlavam o mercado da música e se a banda quisesse tocar em algum evento tinha que pedir autorização para as gravadoras. O domínio era tão grande, que até para botar a música na rádio eles que falavam quem iria ou não. E foi nesta hora que Magu fez uma denúncia, eles travaram as bandas e sempre quem estava por trás, era o vocalista da banda famosa. Ele não quis citar o nome da tal “banda famosa”, mas a delação continuava, o outro vocalista de outra banda famosa que está na ativa até hoje, falava mal de todo mundo, competia com todo mundo, tinha influência no Concerto Cabeças, era muita briga. E Magu terminou com a frase: “Mas era bom, cada um tinha seu espaço”.

Contando a história do rock no DF, era impossível não comentar sobre uma outra repressão que ocorria. Magu recordou que havia outro tipo de travamento sobre as letras e composições das músicas, mas de forma oficial, feito pelo Estado. O início da história do rock em Brasília se deu em plena ditadura militar. As bandas compunham várias músicas que eram obrigatoriamente encaminhadas para o departamento de Polícia Federal, pois era uma exigência e dependendo do teor vinha um carimbo de censurado. “Foi um começo muito difícil, por isto surgiram muitas músicas de protesto, ‘Que país é este’, da Legião Urbana e, por exemplo, ‘O concreto já rachou’, da Plebe Rude”, explicou Cartabranca. Ele comentou que na

época da ditadura não podia reunir mais de dez pessoas e lembrou que uma vez a Sepultura estava ensaiando no ginásio do Cruzeiro e tinham umas trinta pessoas no local, aí a polícia levou todo mundo preso. Segundo ele, o ato foi feito pelo famoso arrastão da Polícia Militar, Polícia Civil e Polícia Federal. Magu acredita que foi uma espécie de retaliação, porque a banda já estava começando a ficar comentada. “A cena do rock dos anos 70 e 80 foi muito marcante para quem viveu em Brasília”, alegou.

Hoje, Magu Cartabranca, fundador do Sepultura de Brasília, tem uma banda que se chama Rock Brasília. Já lançou um CD e um DVD, este com a participação de Murilo Lima, que foi durante cinco anos vocalista do Capital Inicial, quando o Dinho Ouro Preto saiu. O show de lançamento do DVD aconteceu na casa de rock Zeppelin, localizada no Guará, um dos poucos locais que toca exclusivamente rock no DF.

1.3 Hélio Gazu

Helio Gazu 49 anos, membro fundador da banda de punk rock, Os Cabeloduro, fundada em 1989, por moradores do Guará. A entrevista foi realizada pessoalmente no dia 6 de novembro de 2018.

Hélio Gazu disse que na época Guará era uma cidade dormitório e havia poucas festas, por isso a turma tinha que sair do Guará para escutar rock, punk rock. Ele ia para o Plano Piloto atrás das festas na UnB, nos bares underground, no Lago norte, Lago Sul, nas Embaixadas. E lembrou que a tribo tinha alguns points, um deles era o Janjão, na 102/103 Sul, no Centro comercial Cine Centro São Francisco; o Rainbow, na Asa Norte; Beirute, na 109 Sul, e o Gilbertinho. Gazu, ainda um dos observadores, militantes da cena do movimento punk, em 1989, fundou a banda Os Cabeloduro.

Tudo começou por influência de um amigo, o Gilmar. “Conheci ele, em uma tenda localizada no ParkShopping a Circus Show, destinada para shows de rock. Foi naquele dia que senti, pela primeira vez, a essência do punk”, ele lembrou e continuou a galera do Guará se encontrando com a galera do Gama. Gilmar tinha

uma banda chamada ARD, foi lá no mesmo dia que também conheci o Daniel Quirino que é o atual baterista da banda”.

A maioria dos grandes nomes do rock dos anos 80 passou por esta tenda, como Capital Inicial e Camisa de Vênus. Um fato inusitado que aconteceu neste espaço, lembrou Gazu, foi quando o RPM, em seu auge de sucesso, foi tocar e ocorreu uma invasão pelas fãs apaixonadas pelo Paulo Ricardo. Isso deu até confusão e pancadaria e destruíram o ônibus da turnê do RPM. Um amigo do Gazu foi preso. Ele relata que a polícia ficou rodando com ele por quase 12 horas dentro de um camburão e o largaram em um lugar ermo. “Era o resquício da ditadura. Pessoal bravo, autoritário. Tenho medo que voltem com o Bolsonaro no poder, pois vão desenterrando algumas caveiras”, disse.

Hélio afirmou que houve muitas confusões por causa de movimento, ideologia, política do movimento anarcopunk. “As brigas eram contra os carecas que tinham uma tendência nacionalista e neonazista e também contra os metaleiros que eram meio conservadores. Os conflitos aconteciam pelas ideologias e pela forma de se vestir”, explicou. Ele contou que estas “tretas” dos anarcopunks, dos libertários e dos carecas duraram quase dez anos, os carecas montaram bandas e passavam através da música pensamentos fascistas.

Para Hélio o movimento punk não ficou atrás, pois tinham suas bandas com música de contestação. Ele disse que o movimento estava esgotado, não estavam mais a fim de fazer ação direta e para levar o movimento adiante sem confusão e sem atrito montaram a banda Os Cabeloduro - no ano que vem completa 30 anos.

Entretanto, Gazu lembrou das épocas de vacas magras. Entre o ano de 2000 e 2003, a banda passou por um hiato. O Beto Podrinho, vocalista do Cabeloduro saiu, mas não parou de produzir. Ele estava em estúdio compondo e tocando, mas não estava na ativa, em turnê nos palcos. Gazu acredita que isso atrapalhou um pouco a banda. Em 2004 foi lançado um disco com Marcelo Vorax, que fez parte do Mascavo Roots e tinha uma banda chamada DFTA, que depois Gazu assumiu o vocal.

Hélio explicou que a banda pegou um resquício da ditadura militar, os punks sofriam discriminação pelo visual, eram abordados no plano piloto pela polícia

e logo perguntavam da onde eles eram. Segundo ele, quando respondiam que eram do Guar, logo mandavam ir embora e entrar no ônibus, porque estavam longe de casa, o problema é que na maioria das vezes, não tinha nibus. Os punk's então, ficavam dormindo debaixo dos prédios na 109 e 110 sul, na parada de nibus. Hélio denunciou que tinha até confusão com a "plaboyzada", pois não admitiam que a galera ficasse andando na área deles. Os punks, a galera que Hélio se incluía, tinham namoradas no Plano Piloto e passavam "maus bocados". "Era muito estranho, porque era uma sensao de liberdade por causa do fim da ditadura, mas para algumas pessoas não. Eles não aceitavam e não queria aceitar uma gerao que estava vindo para ter voz", disse ele e continuou emocionado, "quando eram adolescentes eram muito cerceados. Não pode falar isso, não pode falar aquilo, cuidado, fica em casa, não saia, e tinha estas batidas policiais em eventos casas de festas e shows, a banda e a cena pegaram um pouco desta intolerância", completou. Hélio acredita que isso só foi diminuindo a partir de 1988, 1989.

Os anos 90 foi o auge do rock na cidade. Várias bandas foram surgindo, bandas que tinham público na cidade, o público acompanhava prestigiava, comprava os trabalhos, os discos, as bandas rodavam o Brasil e em turnês internacionais. Gazu, explanou que so bandas que se mantem na ativa até hoje como DFC, Raimundos, Little *Quail* - que virou Autoramas e na opinião do Gazu é a principal banda independente do país, porque conseguiu fazer um trabalho nacional e internacional.

Hélio contou que existia o ataque velado, que para ele, era o pior, pois você não sabia da onde estava vindo. O cerceamento das ideias, preconceito, o boicote e o ataque direto. Os Cabeloduro, uma banda que colocava o dedo na ferida, encontrou as portas fechadas muito mais do que abertas. Ele parafraseou, ao lembrar desta época, um ditado popular, "tudo tinha que ser na base do pé na porta, como diz o ditado popular". Hélio disse que o fazia pensar não vendia, não estava nos grandes veículos, na grande mídia e nas rádios. As pessoas que gostam vo atrás deste tipo de som, ainda mais agora, com o advento da internet, ocorre uma democratizao um pouco maior para este tipo de som, mas ao mesmo tempo, afirmou Hélio, a internet deixou uma parte do público preguiçoso. Para ele, os roqueiros e frequentadores da noite deixaram de querer ir aos shows, porque têm

tudo muito fácil no computador, celular, assiste streaming, assiste banda, vídeo clipe, ouve música, faz download.

Gazu elucidou que a banda Os Cabeloduro ensaiava em uma garagem do Guará, na QE 19, Conj O, e faziam um barulho estrondoso, porque na época não existia estúdio na capital. Ele acredita que este som, feito em casa, influenciou outras bandas.

Os Cabeloduro sempre foi uma banda independente, mas chegou a ser especulada por grandes gravadoras, mas como explica Gazu, não tinha uma mentalidade, nem um empresário para orientar. Ele também explicou que o convite surgiu em uma época que a banda não aceitava mais ser passada para trás, e por isso não sabia se a proposta seria boa, porque os empresários arrumavam as gravadoras e eles extraíam tudo que podiam. Caso a banda não vendesse, rescindia o contrato e depois o grupo ficava preso no contrato atrelado de direito autoral, o qual ficava com a gravadora. Caso a banda quisesse o tal do direito autoral, tinha que entrar na justiça.

Na época que surgiu Os Cabeloduro, ele lembrou que as gravadoras estavam se adaptando, pois surgia a internet. As gravadoras independentes, oriundas de artistas de renome, foram criadas com apenas uma proposta: divulgar seus trabalhos. As grandes gravadoras também montaram suas gravadoras independentes para não ficarem de fora da cena. “A Warner foi uma que montou a Banguela e lançou Raimundos, Little Quail, Mundo Livre, Mascavo Roots, mas dentre estas bandas só o Raimundos era prioridade no comentário dos bastidores”, garantiu.

Ele continuou a prostrar sobre as gravadoras. “As gravadoras independentes começaram a vender muito mais que as dos grandes artistas. O primeiro CD dos Cabeloduro foi lançado pela RVC, que era uma parceria local do Vitor, com o Reinaldo da Berlim discos, hoje a loja mais antiga de discos em Brasília”. O CD vendeu 20 mil cópias. Hélio disse que era muita coisa para a época e só não vendeu mais porque faltou braço para a distribuição. Isso em 1996.

Segundo Gazu, daí que surgiu a oportunidade de gravar com as grandes gravadoras, mas a banda ficou pensando se valia ou não valia a pena. Saiu uma matéria e cartazes foram afixados, no Conic, chamando a banda de traidora e

xingando os integrantes de filhas da puta, pois iriam se vender.

Hoje as gravadoras vão se adaptando, na internet tem as ferramentas que distribuem música virtual e agora elas querem emplacar seus artistas ali no Spotify. O formato é este, do século XXI, que a gente tem que se adaptar, uma nova geração já conseguiu se adaptar, esta geração que brigou politicamente por estes assuntos. “Hoje o rock é patrimônio imaterial e isso tem que ser preservado. Este é o nosso folclore por mais que aqui seja uma cidade de vários ritmos que chegaram de várias partes do país, o rock é nosso produto”, falou ele.

Entusiasmado com o papo, Hélio continuou contando a história do rock Brasília. Quem lançou a primeira demo tape do Os Cabeloduro, em 1993, foi o Erick Pan que na época tinha um jornal independente chamado Via Scala. Hoje, ele tem uma empresa de sonorização, Zen Studios, chegaram a distribuir cinco mil *demo tape*, era uma moeda de troca. O ponto de venda do *demo tape* era no CONIC, na Head Collection, que era uma loja que vendia o som das bandas independentes. “Na época era tudo mais difícil, tinha que comprar uma fita mandar pelo correio, não sabia se ia chegar, não tinha certeza da resposta”, afirmou e concluiu: “O que impulsionou Os Cabeloduro foi uma crítica ruim que o jornalista fez na revista rock brigate. Ele não entendeu algumas letras da banda, que era muito dúbia. Usávamos o sarcasmo”.

Os Cabeloduro tem uma música que faz uma crítica ao ex-deputado Paulo Maluf. Ele disse uma frase que na campanha dos anos 80, “se tem um desejo sexual estupra, mas não mata”. A banda usou esta frase para criticar o estupro e também o político. Foi com essas sátiras que o sucesso começou a bater à porta da banda. Gazu conta que receberam muitas cartas e a banda respondia tudo. Depois disso, surgiram diversos shows fora do quadrado. O primeiro show foi em Curitiba, no 92º que é um bar que existe até hoje. “Tem um fato curioso deste primeiro show. Junto a demo que foi mandada em resposta a uma carta, tinha um cabelo que o dono do bar não sabia se era um cabelo ou um pentelho. O cara pensou que tínhamos mandado um pentelho ou um cabelo junto com a demo, mas o cabelo ou o pentelho não foi mandado de forma proposital. Foi um acidente mesmo”, afirmou ainda rindo do fato.

A partir de uma demo tape a banda conseguiu disseminar o trabalho,

tive vídeos e clipes veiculados na programação da MTV, tocou nas principais casas underground do país, em praticamente todos grandes festivais pelo Brasil, abriu shows nacionais e internacionais. O grupo não conseguiu fabricar o disco de vinil, porque as fábricas já estavam fechando, falindo e migrando. O primeiro trabalho em CD foi lançado em Portugal, pelo selo Fast'n'loud e Drunk Records, ligado ao punk e hardcore, erguido em 1994. Hélio falou que o fato de terem ganhando o selo garantiu o nome “Os Cabeloduro” em Portugal e na Europa. Ele contou que tudo começou pelo Hamilton Pernão - membro da primeira formação da banda - que foi para Portugal na virada dos anos 80 para os anos 90. Ano que disco foi lançado em vinil na Europa, em edição limitada.

Gazu narrou uma curiosidade durante a entrevista. Foi sobre o início do sucesso da Legião Urbana. Tudo começou em uma viagem para o Rio de Janeiro e quando voltaram as músicas estavam tocando nas rádios. Segundo ele, Legião começou a fazer sucesso antes no Rio do que em Brasília. “Engraçado”, disse ele e continuou, “a grande mídia falando, a cidade toda cantando, mas pra Brasília era vivido de uma forma diferente, porque aqui tinha uma cultura. Sempre tinha um amigo com acesso a demo tape das bandas e neste caso foi Jhonny”. Hélio lembrou também de outro amigo, o Kirk que trabalhava como programador da Atlântida FM, tinha acesso e fornecia as promoções que eram geralmente um lp 7’ ou as fitas que chegavam, essas com geralmente uma ou duas músicas. “Então antes de sair o primeiro disco, já rolava algumas demos das músicas do ensaio do Aborto Elétrico e do disco da Legião, mas ainda não estava estourado em Brasília e no Rio”, completou.

Após mais alguns minutos, Gazu contou outra história. Foi o lançamento do disco do Ultraje a Rigor, no Ginásio Nilson Nelson. Eles já eram famosos e haviam lançado um disco, só que as duas bandas que foram abrir o show foram a Plebe Rude que já tinha lançado um disco e a Legião que não tinha lançado disco ainda e o público começou a invadir. “Foi gente saindo de tudo quanto era lado, ônibus lotado, quebra de ônibus, pancadaria, o público pulando da arquibancada, escalando pelas faixas para descer para a pista. Ia galera do Guará, (eu) andava de gangue e encontrava a galera do Cruzeiro, Bandeirante, Taguatinga e deu confusão”, completou. Gazu acredita que este foi o primeiro show de bandas

de rock nacionais, depois disso foi que estourou o rock em Brasília e no Brasil.

1.4 Cacá Silva

Carlos Alberto Neves Silva, Cacá Silva, 47 anos, fundador, ex-guitarrista da banda Imagem Obscura, consultor, apresentador e produtor cultural e artístico.

Cacá Silva disse que já tinha passado a geração do Aborto Elétrico, que era a outra geração do Detrito Federal, Capital inicial, a geração dele foi após Coletânea Rumores, aquele LP que tinha Detrito Federal, Fallem Angel, Arte no escuro. Imagem Obscura veio logo após o Festival Rock Brasília Explode Brasil, neste tinha a Banda W3, Habeas Corpus e Beta Pictoris.

Segundo ele, a banda ainda sentiu um pouco da censura do regime militar. O primeiro show foi no Teatro Garagem, no Sesc da 913 Sul, e uma das exigências que eles tiveram que passar na época foi ir à Polícia Federal, no Departamento de Censura, para pegar uma autorização. Ele lembrou que no contrato ainda tinham duas ou três cadeiras disponíveis que ficavam à disposição dos censores, caso eles resolvessem ir ao evento. A banda não teve censura, mas tiveram mais letras de músicas que foram analisadas. Entretanto, receberam o carimbo de liberado. O grupo tocou também no Gran' Circular, um espaço que tinha localizado entre hoje a Rodoviária do Entorno e a Biblioteca Nacional. Silva recordou que não precisou apresentar esta documentação, pois era um evento do Luna Sonora, um projeto do Governo e da Fundação Cultural do Distrito Federal. Imagem Obscura tocou também no CIEF, um ginásio atrás do Colégio Elefante Branco, na Boate Zoom em vários bares sem precisar da autorização, Contudo, no ano de 1987, em alguns lugares era preciso. "Existiam problemas na época, fora de Brasília, a banda Blitz teve este problema também. Barão Vermelho tinha faixas dos LP's, riscadas, assim quem comprasse não teria condição de ouvi-las", disse Cacá.

No bate-papo era impossível não se tocar no assunto, como já visto neste trabalho, da dificuldade de acesso as gravadoras. Cacá explicou que eram muitas bandas e poucas tinham condições de ir à Belo Horizonte gravar. A mais

próxima da capital, era a mesma que gravou a Coletânea Rumores. As bandas que tinham condições de gravar, gravavam uma ou duas faixas, não era o LP completo. “Era muito difícil mesmo, não era fácil o acesso as elas”, elucidou e continuou: “A princípio as bandas que conseguiram acesso as gravadoras foram Paralamas do Sucesso, Capital Inicial, Legião Urbana, naquela época eles não tinham o que temos hoje, que é o conceito de ajudar quem está vindo na sequência”. Silva afirmou que naquela época percebeu que quem já era sucesso, não tinha muita preocupação de falar dos novos, nem de tentar abraçar e levar. Para ele, parecia que era assim: você conquistou aquele espaço, aquilo é seu, tanto que ele não se lembra de nenhuma destas bandas que alcançaram reconhecimento nacional citar alguma banda de Brasília nas matérias da revista Biz e Correio Braziliense.

Após ele começou a contar sobre como se formou o público da banda. Ele era do Colégio Objetivo, tinha um violão e sempre nos intervalos tocava com os alunos. “Já tínhamos formado um público dentro do próprio colégio, nos shows a gente sempre tinha um resultado legal, as pessoas gostavam das músicas, era tudo autoral. Aquela época a gente não era de fazer muito cover”, disse. As bandas não eram de tocar sucessos radiofônicos e, para eles, não tinha esse negócio de produtor. “Você tinha que fazer na raça, tinha que bolar o panfleto, panfletar, fazer o panfleto na xerox mesmo, quando você tinha recurso fazia na gráfica, levava o equipamento para tocar, fazia tudo...”, argumentou entusiasmado. As únicas produtoras que tinham na época eram a Agora Elas Produções e a Art Way, as que produziam shows nacionais, mas não tinha uma para produzir as bandas do Distrito Federal como hoje. E explicou que a realidade era totalmente diferente, não tinha profissionais habilitados e capacitados. “Era na raça, faça você mesmo. Este era o lema do estilo punk”, falou.

No Colégio Objetivo tinha o corredor do primeiro ano, no primeiro andar, local onde culminou várias bandas. Dali saiu músicos que criaram, por exemplo, a banda Cravo Rastafári, que gerou Natiruts, Litte Quail, a banda Edris, do guitarrista Marcelo Barbosa, que hoje toca na banda Angra (GTR), Gabriel que é baterista da Banda Ultraje a Rigor, Antraz, Correligionários. Para Silva, esta galera contribuiu para o rock do DF e do Brasil.

O celeiro de artistas, o Colégio, realizou o Fest Rock Objetivo com as

bandas oriundas dali. Todos os artistas tinham uma diferença de três ou quatro anos de idade. Antes da gente ainda tinha Peter Perfeito.

Cacá lembrou de um aluno, alguém da banda Raimundos, mas ele não recordou o nome, que era do corredor do primeiro ano. “Nós erámos da mesma turma, tocávamos no bar Bom Demais, no Rock and Roll, nos mesmos lugares, na mesma época”.

O papo estava bom e Cacá contou algumas curiosidades de Brasília. Data Vênia fez sucesso e foi uma banda que quase tocou no Perdidos na Noite, no Fausto Silva. Segundo ele, Data Vênia tocava direto na rádio Transamérica, gravou uma música Boy Vagal, a qual foi teve grande sucesso. “Lembro da Data Vênia, porque teve a oportunidade de tocar como o Nono, líder da banda e veio tocar um ano depois que eu fundei a Imagem Obscura. Fizemos composições juntos”, assegurou. Este movimento era chamado de a Nova República e retratado no jornal Correio Brasiliense e nos demais veículos de comunicação.

Cassia Eller era da geração da banda Beta Pictores, da Banda W3, Arte no Escuro, Habeas Corpus, Fallem Engel uma geração um pouquinho antes da Imagem Obscura. Cacá narrou que chegou a ver a Cassia Eller tocando no Bom Demais, na 705/706 norte, uma ou duas vezes. “Ela já era o diferencial, boas bandas desta época, como o Torino, de heavy metal, P.U.S da Siang e inclusive o Tom Capone era desta época ele era da banda Peter perfeito”, contava emocionado e completou a conversa dizendo “Ele ganhou o Grammy junto com Maria Rita e infelizmente, no dia que ele ganhou o sofreu um acidente de moto e veio a falecer. Tom gravou mais de cem músicas, LP’s, CD’s, era um grande guitarrista do rock de Brasília e é desta geração da Cassia Eller, Detrito Federal, Arte no Escuro, Fallem Angel. Foi uma grande referência. Nós tivemos grandes músicos nos anos 80”, completou.

1.5 Angelo Macarius da Costa Ferreira

Entrevista concedida por Ângelo Macarius da Costa Ferreira, produtor cultural, ex-vocalista da banda Nata Violeta, ator, compositor na banda Macarius

Fusion, militante do rock and roll de Brasília e um estudioso do rock and roll. A entrevista foi realizada nos dias 8 e 9 de novembro de 2018, via aplicativo Whatsapp.

Uma das mais longas entrevistas deste trabalho foi com o Ângelo Ferreira. Ângelo disse que foi aos doze anos de idade quando escutou o primeiro fonograma da banda Legião Urbana e até então só tinha escutado bandas inglesas e americanas. Lembrou que na capital não tinha praticamente nada, espaço para shows era no Cine Brasília e tinha o Gilberto Salomão. Existia a primeira geração, da turma da Colina que as vezes saia itinerante em cima de um caminhão e realizavam festas nas casas da galera. E junto dessa coisa repentina do sucesso do Legião Urbana houve o sucesso também do Capital Inicial. Para ele, naquela época ainda não existiam estas coisas de grandes shows no Brasil. O único registro que ele tem de show que encheu o Estádio, antes dos anos 80, foi o show do Wilson Simonal. “A partir do primeiro Rock in Rio que a cultura de grandes shows começou a se afirmar, mas equipamento ainda era muito caro”, afirmou Ângelo.

Ele se recorda de como começou o sucesso da banda Capital Inicial e começou a contar, como se fossemos grandes amigos. O irmão do Herbert Viana levou um demo da Legião Urbana para a rádio Fluminense, o Capital Inicial pegando a rabeira, foi para São Paulo em vez de ir para o Rio. Segundo ele, o rock de Brasília destoava muito do carioca porque era de posicionamento de protesto, e rock carioca era mais inocente. Depois desta turma, veio uma segunda geração, e veio uma terceira, a que Ângelo se auto incluiu.

Ao ser perguntado pela censura imposta pela ditadura militar, ele afirmou que não se podia falar muito, até porque realmente não se tem muito registro de visitas dos músicos candangos ao escritório da censura. “Esse barato da censura, acredito eu que tenha suavizado um bocado no governo de Figueiredo. Os artistas cariocas do dendê gostavam dele, se referiam a ele com carinho. Período de abertura no Brasil. Enfim, mas na época tinha toque de recolher, não sei se de uma forma assumida, mas se o menor de idade fosse pego depois das dez horas da noite, sem documento, longe de casa o bagulho ficava doido, não era um negócio muito bacana”, e concluiu ao falar “Isso se refletia na música da galera”.

Segundo ele, hoje tem este discurso que o rock está na periferia, mas

naquela época era uma turma da Colina, filhos de professores da Universidade de Brasília (UNB), moradores da Asa Norte e Asa Sul. Ângelo lembrou que tinha até uma turma de filhos de diplomata que trazia discos de punk do exterior. “Depois desta turma teve muita gente da história que não foi para o *meinstream*, como Beta Pictóricos, Finis Africae”, disse.

E ele voltou a explicar sobre as gerações descendentes do título de Brasília Capital do Rock. Teve uma outra geração que coincide com a transição de modelo de consumo de música, a transição do analógico para o digital, do disco de vinil para o CD. Depois vieram bandas tipo Macacongues 2099, DFC, Rockover que depois se tornou Nata Violeta, Cachorro das Cachorras, que rapidamente lançaram CD. “Neste meio tempo eu tinha acabado de chegar em Brasília, os caras que formaram isso que você vê de banda de rock, foi o Nata Violeta. Eles faziam shows e abriam espaço pra canja e uma galera começou a se conhecer, a Amanita Muscaria, por exemplo, começou em um desses encontro”, garantiu.

Ângelo recordou-se do tributo a Nata Violeta, que teve uma certa responsabilidade pelo surgimento das bandas sobradinhenses daquela época. Nata Violeta, a qual ele fazia parte, era formada por moradores de Sobradinho-DF. Ele disse que podemos começar a falar do rock de periferia a partir dos anos 90, porque foi quando começou o plano real e equiparou-se o preço dos instrumentos. O dólar valia um real e segundo ele, barateou muito os custos dos instrumentos e os moradores da periferia começaram a tocar. Ele, morador de Sobradinho, afirmou que foi um destes que começou a tocar após o plano real. “A gente fazia nossos próprios eventos, foi aí que Sobradinho começou a ter certa visibilidade, como bandas de outras quebradas, eu tinha uma banda chamada Lotus Negro”, explicou. Lotus Negro, de acordo com o entrevistado, se encaixava na quarta geração de roqueiros do DF, mesmo Ângelo tendo nascido na terceira, como ele mesmo disse.

Ele comentou que como o rock de periferia não tinha o mesmo poder econômico do que efervescia no centro, sempre esteve em desvantagem, pois os interlocutores sempre estiveram à frente no que tange pesquisa e entendimento de como funcionavam os meios de produção. “Hoje, o rock de Brasília está na periferia, não se encontra no centro” concluiu.

Ferreira recordou-se da banda de rap com pegadas de metal. De

acordo com ele, foi a partir dela que começaram a aderir alguns estilos de fora, como o grunge e o metal e os que possuíam uma pegada mais de protesto também. “É engraçado que acabou a história do rock Brasília e começou este rock que saiu até em um filme chamado “Baré Cola”. A respeito era um rock mais descomprometido, machista até o talo, com bandas como DFC, que era baseado em um estética mais *hardcore*”, assegurou e deu continuidade a conversa. A galera de Sobradinho avançava para o alternativo e as estéticas se contrapunham ao *glam rock* e esse *hardcore* do Plano Piloto. Ele lembrou da Mentis Póstumas que era meio diferente, até escarrado, como Ângelo definiu, e criticado pelos puristas, porque eram ousados na estética sonora.

Mpblues, Atrit e Lotus Negro eram as bandas da época em Sobradinho. Ferreira disse que tiveram outras bandas no Guará, como a Rosa de Luxemburgo, embora a vocação do Guará fosse mais regueira.

Ele contou que depois da Lotus Negro veio a banda Darsham, CasaCasta. Esses dois grupos costumavam acusar o Ângelo de ser quem criou o movimento e possibilidades para que as bandas fossem tocar em Sobradinho. “Mas quem fez isso na verdade foi o Junior Tana com o Nata Violeta. Vepois veio Jenipapo que começou com um movimento de MPB. Eu fui dos camaradas que estava articulando isso tudo tem até música minha em parceria com os caras nos discos deles”, explanou Ferreira.

Ao ser perguntado por um artista que ele admirava nesta época, ele respondeu: - Alberto Salgado um cara premiadíssimo que mais representa Sobradinho, no Brasil e no mundo. “Foi um cara que a minha banda tocou como convidado em alguns festivais, como o FEMUX, por exemplo, que era um festival de música estudantil na cidade, o qual ele ganhou”, contou. Os festivais foram se fragmentando por conta do momento de rock debochado. Para ele, Os Cachorros das Cachorras era a mais irreverente e tinha uma pegada mais política.

Ângelo explicou que foi depois desses movimentos que surgiu a sua banda. Eles eram mais assistencialistas com uma pegada mais política. “Eu cheguei a ser ameaçado pela polícia algumas vezes, uma época que se falava muito em liberdade de expressão. Planet Hemp estava falando em apologia e o presidente da República, Fernando Henrique, tentando implementar uma política de drogas no

país, juntamente com o então deputado federal Fernando Gabeira”, completou.

Ele contou uma novidade para muitos fãs de Aborto Elétrico. O grupo nunca gravou um fonograma, apenas hoje é que se tem disco. A obra oficial registrada e gravada em estúdio é da Legião com Capital. O primeiro disco da Legião Urbana era muito político com um contraste imenso com o que era feito no Rio de Janeiro, na época Kid Abelha. “O que mais tinha a ver com o que se produzia em Brasília era o Lobão e Cazuza, essas caras aí como a Blitz estavam na contramão de Brasília, elucidou Ferreira”

Ângelo foi de uma geração muito diferente da atual, segundo ele, o delírio juvenil era contra o Estado, com a ideologia punk, mas a dele era diferente, principalmente do que acontecia em São Paulo e em outras quebradas, não era uma ideologia punk só pautada no visual. O pessoal dele lia Bakunin, Proudhon, Malatesta, Maiakovsk e se embasavam enquanto movimento punk organizado.

Ângelo afirmou que andava com os punks, conversava, mas não se assumia anarcopunk e nenhum rótulo. O delírio juvenil naquela época era diferente. Hoje usam de uma maneira muito descompromissada, segundo ele. “Naquela época se usava e havia escalas da drogadição, eu por exemplo nunca dei pico, o que era mais pesado na época, muita gente que eu conhecia dava pico e dali não voltava, mas tinha uma escala”, afirmou e continuou explicando que tinha o cara que só bebia, outro que só cheirava, outro que só fumava, outro que misturava tudo. Para ele, o diferencial nisso tudo é que todos, pelo menos a grande maioria, tinham algum compromisso com a contracultura. O assunto prosseguiu com uma revelação. “Conferia um certo status ao indivíduo se drogar para confrontar a sociedade e ter alguma teoria de contracultura pra defender”, completou.

Ângelo, ao final da entrevista, lembrou de um ser conhecido na cena de Brasília e que até então não tinha sido lembrado, Renato Matos. Renato começou no movimento cabeças. E explicou o significado de um ditado popular “Fulano é um cara cabeça”. “Na época isso definia um cara com repertório, filosófico, ou formação política ou não tinha formação política nenhuma mas era “inteirado”, disse, complementando: Nestes assuntos tinha uma ideologia anarquista ou progressista”.

A entrevista estava quase terminando e Ângelo voltou a falar de Legião. “Quando escutei Legião Urbana 2 e a música Tempo Perdido fiquei

impactadíssimo. Aquela época deixar o cabelo crescer como eu deixei, rasgar sua calça e usar jaqueta com (pet) causava um estigma da porra mas a grande maioria das pessoas daquela época que optou pelo rock'roll estigmatizadas ou desenquadradas”, disse e continuou fazendo uma analogia ao futuro. “Embora o movimento hippie tenha revisado as relações familiares e sociais e embora já existisse esta tendência no Brasil, o país era um pouco parecido do que pode vir a ser o Brasil a partir do dia 1º de janeiro. O Brasil anda muito defasado dessas coisas dos movimentos”.

E completou a entrevista com um relato reflexivo. “Era um escândalo o cara ser filho de pais desquitados. Uma pessoa introspectiva e viciada em leitura, como eu, era estigmatizada. Então quando se encontrava o rock and roll tornava-se um desenquadrado, era um *outsider*, mas para a sociedade, o cara tatuado e cabeludo era taxado de bandido. Hoje tudo é moda e foi absorvido pelo status. Éramos mesmo uns marginais, no sentido de estarmos sempre a margem da sociedade. Não éramos bem aceitos em todos os lugares, éramos muitas vezes isolados até no seio familiar”, completou.

CAPÍTULO 2: BANDAS AUTORAIS DO DF

Banda autoral é aquela em que algum dos seus integrantes compõe as próprias músicas dando a ela uma identidade e um estilo próprio de tocar e de se apresentar. São reconhecidas pelo seu próprio trabalho criativo, diferente de banda cover, que toca músicas de outras bandas que já têm notoriedade. O registro mais antigo encontrado sobre o Rock autoral do DF é de 1967, da gravação do álbum da banda Os Primitivos, a primeira a gravar rock autoral no DF.

Atualmente as bandas enfrentam dificuldades para se apresentar, dar continuidade e desenvolver a sustentabilidade do rock autoral no DF. O Rock autoral, ao contrário de quando surgiu no DF, hoje tem uma circulação maior de bandas na região periférica do Distrito Federal. Apesar das dificuldades o rock se mantém vivo e com uma cena bastante ativa, com número maior de bandas do que na época do auge do rock. O grande desafio que se enfrenta hoje é voltar a atrair grande quantidade de público, como aquele que acompanhava as bandas nos shows nos anos 80.

A seguir consta levantamento de dados de vinte e duas bandas autorais, realizado através de um questionário formulado na plataforma Google Docs e enviado para as bandas através de grupos de WhatsApp.

2.1 Banda Tenneso

Fundada em 13 de fevereiro de 2017 no Valparaíso, região do entorno de Brasília (DF), a formação instrumental da banda é composta por duas guitarras, baixo, bateria e vocal. Os integrantes da banda são Zé, Sami, Carlson e Philipe. Tocam Metal, vertente do rock que os integrantes gostam. São influenciados por Sepultura, Machine Head, Pantera, entre outros. Ainda não se apresentou fora do DF. Possui um site para contato: www.tenneso.com.br.

2.2 Banda Beholder's Cult

Fundada em 01 de agosto de 2016 no Plano Piloto, é composta por um vocalista, um guitarrista, baixo e bateria. Seus integrantes são Felipe Stock, Tama Oliveira e Pedro Paes. Moram no Plano Piloto e em Samambaia. A vertente musical da banda é o Gothic e Doom Metal, escolhida para tocar algo diferente do usual e fazer o estilo crescer na cidade. As influências da banda são: Lake Of Tears, Type, O Negative, Paradise Lost. A banda já tocou fora do DF e possui página no Facebook e canal no Youtube: <https://beholderscult.bandcamp.com/releases>; <https://youtu.be/5NVZckezdN8>; <https://www.facebook.com/beholderscult>.

2.3 Banda Subinstantiate

Fundada em 01 de junho de 2017 em Águas Claras, a banda conta com um vocalista, baixo, guitarra, teclado e gaita. Seus integrantes são: Luís Moura, Snyffynn Rootz, Itadara, Dreyar, que moram em Águas Claras, Guará e Sobradinho. Tocam Rock Alternativo, o que melhor caracteriza os trabalhos da banda. Suas influências são o rock clássico, pop rock nacional e Heavy 80's. Já se apresentou fora de Brasília e possui um site: www.subinstantiate.wixsite.com/subinstantiate.

2.4 Banda Confusão Mental

Fundada em 01 de agosto de 2018 em Taguatinga, conta, na sua formação instrumental, com baixo, guitarra base, guitarra solo, cajon e bateria. Seus integrantes são Márcio Fontenele, Euber Fontenele, Claudinei Fernandes e Yan Luca Fontenele, todos moradores de Taguatinga. Tocam punk rock inspirados na crítica político-social. São influenciados pela MPB, rock anos 80, bandas de Brasília, Ramones. Ainda não tiveram a oportunidade de tocar fora do DF. Não possuem site ou blog, por isso o contato da banda se dá via telefone celular: 61 992965373.

2.5 Banda Daren

Fundada em 07 de janeiro de 2017 em Planaltina. Tem em sua formação instrumental bateria, baixo, guitarra e vocal. Os integrantes são Hiago Vieira, Breno Ayaan, Lucas Eduardo, todos moradores de Planaltina. Tocam Darkrock. Adotaram essa vertente porque os membros da banda possuem influências variadas e como tanto as letras quanto as influências eram distintas, quando se reuniam para tocar perceberam que não se encaixavam em nenhum estilo/vertente comum. Passaram a pesquisar mais sobre alguns elementos em suas letras e perceberam que se encaixavam no darkrock, que é um estilo de origem americana que mistura vocal limpo, sussurros e letras que abordam temáticas de terror, medo e etc. São influenciados pela banda Black Sabbath, Horror Vacui, Death e bandas nacionais. Já tocaram fora do DF e possuem um site <https://bandadaren.wixsite.com/bandadaren>. E-mail: bandadaren@gmail.com.

2.6 Banda Último Amanhã

Fundada em 09 de agosto de 2017 em Planaltina, é formada por um guitarrista, baixo, vocal e baterista. Seus integrantes são Jozaphar, Erick Farias, João Gabriel, André e Hiago, todos moradores de Planaltina. A vertente adotada pela banda é o Metalcore, adotada pelo amor à sonoridade do gênero. São influenciados por Kilswitch Engage, ProjeT46 e Pantera. A banda não tocou fora do DF, nem tem site. O contato com ela se dá via e-mail: bandaultimoamanha@gmail.com.

2.7 Banda Mitsein

Foi fundada em 25 de agosto de 2016 em Planaltina. A banda conta, na sua formação instrumental, com um vocal, duas guitarras, baixo e bateria. É composta por Cristienne, Jefferson, André Wilker e Aquiles. Todos residem em Planaltina. A vertente adotada pela banda é o Heavy Metal, estilo de preferência incomum dos integrantes da banda, que são influenciados musicalmente pelas

bandas Pantera, Iced Earth, Evanescence, Nightwish, After Forever e Eterna. Ainda não tocou fora do DF. Possui uma página na rede social Facebook: <https://www.facebook.com/mitseinband/>.

2.8 Banda Diferencial Zero

Fundada em 16 de março de 2015 em Águas Claras, conta com a seguinte formação instrumental: guitarra, baixo, vocal e bateria. Os integrantes da banda são Alexandre Magno, Thiago Paz, Paulo César e Emerson Oliveira, que moram em diferentes regiões do DF (Águas Claras, Jardim Botânico, Riacho Fundo II e Taguatinga). Tocam o tradicional Rock and Roll devido às influências dos seus integrantes pelo rock, blues, heavy metal clássico, hard rock. A banda já tocou fora do DF e possui uma página na rede social Facebook: <https://www.facebook.com/diferencialzero/>.

2.9 Banda A Drink to Death

Fundada em 01 de outubro de 2017 em Planaltina, conta, em sua formação instrumental, com duas guitarras, baixo, bateria, vocal. Seus integrantes são Dirceu, Fernando, Guilherme, Jefferson e Luís. Todos são moradores de Planaltina e adotaram o DeathMetal como vertente em virtude das influências musicais que a banda tem por bandas como As I Lay Dying, Impending Doom, Pantera, Project 46, Sepultura. A banda ainda não teve a oportunidade de se apresentar fora do DF e usa o Instagram como contato: @adrinktodeath.

2.10 Banda Ursa

Fundada em 13 de outubro de 2016 em Sobradinho I, adotou em sua formação instrumental o baixo, bateria, guitarra e voz. É composta por Rennan, Sérgio e Oliver. Os integrantes moram no Sobradinho e no Gama. A banda adotou o

Grunge como estilo herdado desde a infância. São influenciados pelas bandas Silverchair, Nirvana, Higy Suspect e Deftones. Não se apresentou fora de Brasília. Usa as redes sociais como forma de contato, sendo ursarock seu Instagram e bandaursa seu Facebook.

2.11 Banda Nomes Feios

Fundada em 13 de outubro de 1989, declara ser de Águas Claras. Sua formação instrumental possui duas guitarras, baixo, bateria e voz. Seus integrantes são Zumby, Binho, Peewee, Galo e Kalunga. Moram em Águas Claras e Cidade Ocidental. A vertente tocada pela banda é o punk rock por representar a realidade do entorno do DF. Suas influências residem nas bandas Sex Pistols, Dead Kennedy's e Ramones. Já tocou fora do DF. O contato da banda é feito pelo Facebook Nomesfeios.

2.12 Banda Dínamo Z

Fundada em 13 de julho de 2014 em Taguatinga, tem em sua composição instrumental duas guitarras, baixo e bateria. Seus integrantes são Bruno Z, Robson Z, Jesus Júnior e Maikon Reis, que moram em diferentes cidades do DF (Taguatinga, Riacho Fundo 2, Ceilândia e Águas Claras). A banda toca indie, rock anos 50 e 60, classic rock e alternativa. Adotaram essas vertentes porque é um estilo que se prende menos aos rótulos tradicionais, assim, têm liberdade de criação. É influenciada pelos The Beatles, The Smiths, Pixies, Radiohead e pelas bandas de rock nacional dos anos 80. Ainda não se apresentou fora de Brasília e possui um site para contato: www.dinamoz.com.br.

2.13 Banda Macarius Fusion

Fundada em 01 de Janeiro de 2018 em Sobradinho II, tem em sua formação instrumental baixo, bateria, guitarra, vocal. É composta por Angelo Macarius, Samuel Lila, Gean Carlos e Luciano Bispo. Além de Sobradinho II, a banda tem integrantes de Sobradinho I e Paranoá. A vertente escolhida pela banda foi a world music em virtude das possibilidades de liberdade musical. As influências musicais vêm do proto punk, reggae, rock progressivo, funk e ragga indiano. Ainda não houve a possibilidade de tocar fora do DF. O contato com a banda pode ser feito pelo grupo da banda no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/219075691994628/>.

2.14 Banda Daniela Firme

Fundada em 16 de março de 2003 no Lago Norte, tem sua formação instrumental composta por voz, bateria, baixo, guitarra, violão e teclado. Seus integrantes são Daniela Firme, Bruno Albuquerque, Alexandre Macarrão, Kaká Barros e Alexandre Moreno. Moram em Águas Claras, Vila Planalto, Jardim Botânico e Sobradinho. A banda optou pelo estilo pop rock naturalmente porque combinou com as composições. Foram influenciados por Dave Matthews, Chico Buarque, Nando Reis, Cazuza, Paralamas do Sucesso, Alanis Morissette. Já se apresentou fora do DF e utiliza um site para contato: www.danielafirme.com.br.

2.15 Banda Kaleidoskope

Fundada em 1 de janeiro de 2016 no Plano Piloto. Tem em sua formação instrumental baixo, guitarra, bateria, teclado. Seus integrantes são Fonzi, David, Thiago e Fernando. Moradores do Plano Piloto, Guará e Taguatinga. Optaram por uma mistura rock, reggae, pop, afro, blues e heavy. Adotaram este estilo porque todos gostam e suas influências musicais são tão diversas quanto os estilos que tocam. A banda ainda não tocou fora do DF. Seu canal de contato é a página da banda no facebook: www.facebook.com/kaleidoskope1.

2.16 Banda Voz Eterna

Fundada em 25 de fevereiro de 2007 na Ceilândia, a formação instrumental conta com voz, baixo, bateria e duas guitarras. Compõem a banda Emerson Dutra, Fábio Augusto, Bruno Morgon, Luiz Ratão e Renan Azevedo. Moram em duas cidades diferentes: Ceilândia e Samambaia. Tocam rock alternativo, adotaram este estilo por várias influências, não somente uma, porque o som se torna algo em torno no heavy/hard moderno. As influências musicais são: Asking Alexandria, Bring me the Horizon, Linkin Park, for today, KSE. Já se apresentou fora do DF e possui um site: www.vozeterna.com.br.

2.17 Banda Distintos Filhos

Foi fundada em 04 de abril de 2004 em Taguatinga. Sua formação instrumental é composta por guitarra, baixo, bateria, teclado, sax e trombone. Seus integrantes são Paulo Veríssimo, Ivo Portela e Marcos Henrique. Os integrantes moram em três cidades: Águas Claras, Guará e Taguatinga. Adotaram o rock pelo gosto musical, foram influenciados pelos Beatles, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e QOTSA. Já se apresentou fora do DF. Possui site para divulgação e contato: www.distintosfilhos.com.br.

2.18 Banda Os Cachorros das Cachorras

Foi fundada em 02 de fevereiro de 1993 em Taguatinga. A formação da banda é composta por baixo, duas guitarras, bateria e voz. Seus integrantes são Kaphagerson, Davi Kaus, Thoronto Vira mundo, Tixa e Baixaria. São de diferentes cidades: Taguatinga, Plano Piloto e Rota do Cavalo (zona rural). Adotaram a vertente experimental para promover uma fusão de vários ritmos com música brasileira por considerá-la universal e porque é preciso valorizar o que é nosso,

difundindo e redimensionando. A banda é marcada por diversas influências que não ficam apenas na área da música. Assim, outras linguagens artísticas fazem parte das influências da banda são elas: cinema, literatura, jazz, moda de viola, funk 70's, soul, disco, blues, MPB em todas as suas vertentes, música étnica. Já performou fora do DF. O contato da banda ocorre pelo Facebook: <https://www.facebook.com/Gerson-Deveras-DJ-VJ-MC-963537473723159/>.

2.19 Banda Areal34

Fundada em 10 de agosto de 2001 em Águas Claras. Sua formação é composta de duas guitarras, bateria, baixo e voz. Seus integrantes são Daniel, Vinícius, Eudes, Erich e Priscila, todos moradores do Areal. A vertente da banda é o Hard Core por possibilitar o uso de técnica. As influências musicais da banda são, principalmente, Ignite e Dead Fish. A banda já tocou fora do DF e o contato é realizado pelo Instagram Areal34.

2.20 Banda Os Cabeloduro

Fundada em 13 de julho de 1989 no Guará. A formação instrumental da banda é composta por vocal, bateria, baixo e guitarra. Seus integrantes são Hélio Gazu, Guilherme, Ralph, Daniel, todos moradores do Guará. A banda é de punk rock e adotou este estilo por fazer parte do movimento punk. Suas principais influências são: Bad Brains, Sex Pistols e Ramones. A banda já tocou fora do DF, e, para contato, usa o e-mail hcgazu@gmail.com.

2.21 Banda Detrito Federal

Foi fundada em 13 de janeiro de 1983 no Plano Piloto. Sua formação instrumental é composta por vocal, baixo, guitarra e bateria. Os integrantes são Alex

Podrão no vocal, guitarra com Bosco, Bil é responsável pelo baixo e Marcus pela bateria. São moradores do Valparaíso e de Águas Claras. Adotaram como vertente o punk rock, porque Podrão e Bosco eram do movimento punk. As principais influências são: Ratos de Brasília, XXX, Plebe Rude, Ratos de Porão. A banda já tocou fora do DF. O contato da banda ocorre através do Facebook detritofederal.

2.22 Banda Rock Brasília

Fundada em 01 de dezembro de 2013 e oriunda do Cruzeiro, sua formação instrumental é composta de dois vocais, baixo, guitarra e bateria. Seus integrantes são Rogério Águas, Magu Cartabranca, Bruno Formiga, Venrner, Xaeler e Mateus. Moram no Guará e no Cruzeiro. Tocam pop rock e rock progressivo porque a mensagem que a banda quer passar é de paz e filosofia. Influenciados pelas bandas dos anos 70 como Black Sabbath, Deep Purple, Vangelis, Pink Floyd e AC/DC. A banda já tocou fora do DF e usa o Instagram para contato: bandarockbrasil.

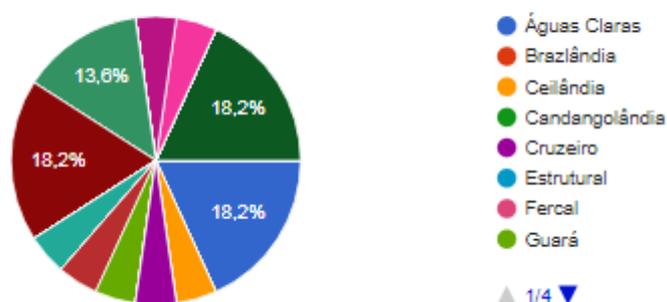
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Das vinte e duas bandas que responderam o questionário foi constatado, pelo ano de fundação, que três são oriundas dos anos 80, uma dos anos 90, seis são da primeira década do ano 2000 e 12 são da segunda década do ano 2000. Uma vez que a maioria das bandas que responderam ao questionário são da segunda década do ano 2000, ou seja, a partir de 2010, constata-se que atualmente o rock continua produzindo bandas autorais. Isso revela que o rock continua presente na cultura do Distrito Federal.

Foi perguntado às bandas de que região administrativas elas se declaravam. Das 22 bandas, onze se declaram de regiões administrativas diferentes. Entre as cidades com maiores citações, quatro são de Águas Claras, Planaltina e Taguatinga e três se declararam do Plano Piloto. Ceilândia, Cruzeiro, Guará, Sobradinho I, Sobradinho II, Lago Norte tiveram um representante cada e uma banda marcou Gama, mas pertence a cidade do Valparaíso, região do entorno do DF, que recentemente foi declarada como região metropolitana de Brasília. No total, somam quatorze integrantes de regiões administrativas diferentes. Atualmente existem 31 regiões administrativas. Proporcionalmente, estes números demonstram que rock continua despertando interesses das mais variadas classes sociais e econômicas do DF.

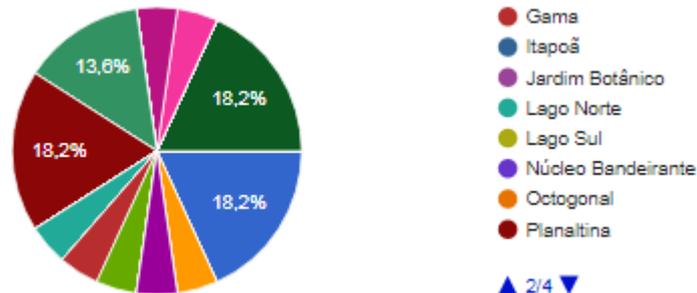
Gráfico 1: Regiões administrativas de origem

22 respostas



Fonte: Autoria própria

Gráfico 2: Regiões administrativas de origem



Fonte: Autoria própria

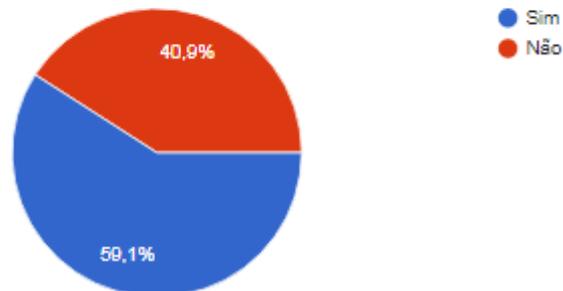
Quanto à formação instrumental, a maioria das bandas possui duas guitarras, uma bateria, um baixo e um vocalista. Oito das vinte e duas bandas que responderam ao questionário declararam esta composição.

A segunda formação mais comum foi a tradicional composição com um vocalista, um baixista, um guitarrista e um baterista. Sete bandas declararam esta formação, quatro adicionaram o teclado à formação tradicional e três bandas usam instrumentos diferentes. Além do teclado, adicionaram à sua composição o cajon, a gaita, o sax e o trombone. Estas formações, em sua maioria com duas guitarras e outros instrumentos, não tradicionais na composição instrumental das bandas demonstram que o rock do DF é um rock criativo e inovador.

Foi perguntado também sobre a circulação das bandas fora do Distrito Federal, e, das vinte e duas bandas, treze já se apresentaram fora do Distrito Federal, o que corresponde a mais de 59% das bandas entrevistadas. Trata-se de um resultado significativo porque a maioria das bandas que responderam ao questionário foram fundadas a partir do ano de 2010. A porcentagem de 59% demonstra que outras cidades e regiões do Brasil continuam se interessando pelo rock autoral do DF.

Gráfico 3: Bandas que já tocaram fora do DF

22 respostas



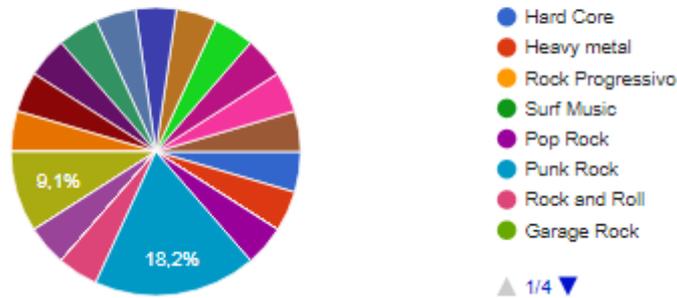
Fonte: Autoria própria

Uma das perguntas mais relevantes do questionário tem como finalidade mapear para preservar as vertentes que as bandas tocam. Foi constatada uma variedade significativa de vertentes musicais do rock. Das vinte e duas bandas que responderam ao questionário dezoito vertentes diferentes do rock foram obtidas como resposta. A vertente mais citada foi o punk rock, adotado por quatro das vinte e duas bandas. Esse estilo que começou a ser difundido em Brasília é o nosso folclore e a nossa identidade musical.

Ainda sobre as vertentes tocadas pelas bandas que responderam ao questionário, o rock and roll e o rock alternativo aparecem com duas citações cada como estilo adotado. Depois segue-se uma variedade de subgrupos com uma citação cada: Hard Core, Heavy Metal, Pop Progressivo, Pop Rock, Grunge, Metal, Gothic/Doom Metal, Darkrock, Metalcore, DeathMetal, Indie, Rock nacional, World Music, Misturarock, Reggae, Pop, Afro, Blue e Rock Experimental. Com esse número elevado de variedades e diversidade de vertentes musicais do rock, Brasília deve continuar sendo chamada de capital do rock.

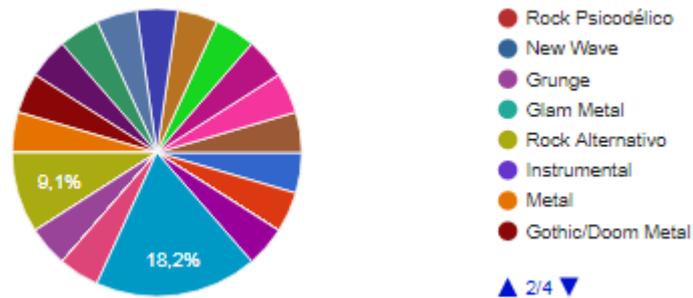
Gráfico 4: Vertentes musicais declaradas

22 respostas



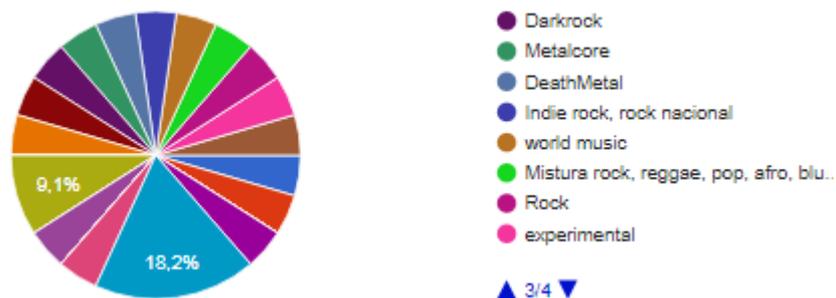
Fonte: Autoria própria

Gráfico 5: Vertentes musicais declaradas



Fonte: Autoria própria

Gráfico 6: Vertentes musicais declaradas



Fonte: Autoria própria

As bandas foram questionadas sobre suas influências musicais e o resultado também impressionou por sua variedade. Das noventa e três influências citadas pelas 22 bandas, 56 foram de diferentes bandas ou linguagens. A mais

citada foi a banda americana Pantera, com quatro citações, depois, empatadas com duas citações, estão a banda brasileira Sepultura, o estilo MPB, Projet46, Ramones, Sex Pistols, The Beatles e Black Sabbath.

As demais bandas citadas como influenciadoras das vinte e duas bandas foram: Machine Head, Lake Of Tears, Type, O Negative, Paradise Lost, Rock Clássico, Pop Rock Nacional, Heavy Metal 80's, Rock anos 80, bandas de Brasília, Horror Vacui, Death, Killswitch Engage, Chelsea Grin, Iced Earth, Evanescence, Nightwish, After Forever, Eterna, Rock, Blues, Heavy Metal clássico, Hardrock, As I Lay Dying, Impending Doom, Silver Chair, Nirvana, Highly Suspect, Deftones, Dead Kennedy's, The Beatles, The Smiths, Pixies, Radiohead e as bandas de rock nacional dos anos 80, proto punk, reggae, rock progressivo, funk, ragga indiano, Dave Matthews, Chico Buarque, Nando Reis, Cazuza, Paralamas do Sucesso, Alanis Morissette, Asking Alexandria, Bring me the horizon, Linkin Park, For Today, KSE, Paralamas, Legião Urbana, QOTSA, cinema, literatura, jazz, moda de viola, funk 70's, soul, disco, blues, musica étnica, Ignite, Dead Fish, Bad Brains, Sex Pistols, Ratos de Brasília, XXX, Plebe Rude, Ratos de Porão, Anos 70, Deep Purple, Vangelis, AC/DC e Pink Floyd.

Uma constatação que não estava definida para chegar ao resultado e depois de analisar o questionário foi detectada foi que dos noventa e três integrantes das vinte e duas bandas, apenas duas são mulheres. Estes números revelam que as bandas rock continuam sendo em sua ampla maioria de composição masculina, constatação que precisa ser pesquisada para chegar em resultados concretos para que se possa mudar esta realidade e despertar o interesse de mulheres a participarem e montarem bandas de rock.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa o rock autoral do DF foi realizada pela importância que o rock representa para a cultura do DF. O tema foi escolhido pela possibilidade de poder contribuir com a preservação da memória, história cultural dos personagens e bandas que ajudaram a construir o rock de Brasília, patrimônio cultural imaterial do DF. O rock é para milhares de pessoas, não apenas um estilo de música ou uma vertente musical de preferência, mas um estilo de vida, e conta com um grande mercado de consumo no Distrito Federal, cidade que tem um alto potencial econômico, consumidores dos mais variados produtos e uma cadeia produtiva considerável.

O objetivo geral de preservar a memória do rock autoral do DF foi atingido através de estudos em sites, jornais eletrônicos e artigo científico sobre a identidade, cultura e música em Brasília, além das entrevistas concedidas pelas quatro personalidades do rock de Brasília (Magu Cartabranca, Hélio Gazu, Cacá Silva e Angelo Macarius), que vivenciaram diferentes momentos e gerações do rock na capital. Com as entrevistas também foi possível fazer um panorama geral a partir do início do rock no final dos anos 60, passando pelas décadas de 70, 80, 90 até o cenário atual. Além disso, com as entrevistas conseguimos identificar dezenas de atores e bandas que ajudaram a construir a história do rock autoral no DF.

Formulei um questionário no Google Docs e enviei para as bandas responderem de forma on-line. Com ele foi possível dar início ao mapeamento das bandas de rock autoral do DF. Com ele, também foi possível analisar os dados, discutir os resultados e fazer algumas reflexões e afirmações sobre o tema.

Pelas respostas da pesquisa conclui-se que o rock continua presente na cultura do DF. Brasília pode continuar sendo chamada a capital do rock, devido ao número de bandas fundadas a partir do ano 2000. Além disso, as variedades de vertentes declaradas pelas bandas demonstram a potencialidade de um rock criativo e inovador, que continua despertando o interesse de outros estados e regiões pelo rock autoral do DF. O rock do DF continua despertando interesses das mais variadas classes econômicas.

Uma constatação esperada que precisa ser estudada é a questão das

mulheres nas composições instrumentais das bandas de rock, que são raras. A proporção de homens para mulheres nas bandas que responderam a pesquisa realizada ultrapassou os 90%.

Com a pesquisa foi iniciada uma ação concreta para a preservação da memória, história cultural e dos atores envolvidos na construção do patrimônio cultural imaterial rock do DF. Os dados coletados serão disponibilizados em um site, que será construído e mantido para que permaneçam acessíveis.

Encontrei algumas dificuldades pessoais em relação ao tempo para desenvolver a pesquisa que, no início, tinha a intenção de ser mais ampla em relação ao número de bandas e de atores e protagonistas da construção da história do rock no DF a serem pesquisados e entrevistados. Pretendo dar continuidade a pesquisa com um mestrado sobre o rock autoral do DF.

REFERÊNCIAS

CÂMARA LEGISLATIVA. **Projeto de Lei 567/2015**. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/PL-2015-00567-RDI%20(1).pdf>. Acesso em: 03 abr. 2018.

CÂMARA LEGISLATIVA. **Processo Legislativo – Norma Jurídica - Ficha Técnica**. Disponível em: <http://legislação.cl.df.gov.br/Legislação/consultaProposicaoO1567!2015!visualizar.action>. Acesso em: 3 abr. 2018.

CARVALHO, Guilherme Paiva. Identidade, cultura e música em Brasília. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 1, p. 10-18, Jan/Abr 2015. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2015.51.1.02/4595. Acesso em: 09 jan. 2019.

CORREIO BRAZILIENSE. **Na década de 1980, bandas punks contestavam ditadura militar na capital**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cantabrasilia/2013/04/21/internacantabrasilia,361470/na-decada-de-1980-bandas-punks-contestavam-ditadura-militar-na-capital.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2018.

CORREIO BRAZILIENSE. **Na década de 1980, bandas punks contestavam ditadura militar na capital Brasília**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cantabrasilia/2013/04/21/internacantabrasilia,361470/na-decada-de-1980-bandas-punks-contestavam-ditadura-militar-na-capital.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2018.

LIMA, Irlan Rocha. **Conheça a história de grupos brasileiros surgidos na época da jovem guarda**. Correio Braziliense: Brasília, 2013. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/jovemguarda/2013/11/27/interna-perfil-social-publieditorial,400345/conheca-a-historia-de-grupos-brasilienses-surgidos-na-epoca-da-jovem-guarda.shtml>>. Acesso em: 23 set. 2018.

TANCREDI, Silvia. **Rock**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/artes/rock.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

ANEXO 1

Questionário online respondido pelas bandas

Levantar informações sobre as bandas de Rock do DF com objetivo de preservar a memória e promover o Rock do DF, patrimônio cultural imaterial.

***Obrigatório**

1. Qual o nome da banda? *

Sua resposta

2. Qual o ano de fundação da banda? *

Data:

3. De qual a região administrativa é a banda? *

Águas Claras

Brazlândia

Ceilândia

Candangolândia

Cruzeiro

Estrutural

Fercal

Guará

Gama

Itapoã

Jardim Botânico

Lago Norte

Lago Sul

Núcleo Bandeirante

Octogonal

Planaltina

Paranoá

Plano Piloto

Park Way

Riacho Fundo I

Riacho Fundo II

Recanto das Emas

Sobradinho I

Sobradinho II

Samambaia

Santa Maria

São Sebastião
Sudoeste
SIA
Taguatinga
Vicente Pires
Varjão

4. Qual a formação instrumental da banda? *

Sua resposta

5. Qual o nome dos integrantes da banda? *

Sua resposta

6. Qual região administrativa moram? *

Sua resposta

7. Qual a vertente ou estilo de rock que a banda toca? *

Hard Core
Heavy metal
Rock Progressivo
Surf Music
Pop Rock
Punk Rock
Rock and Roll
Garage Rock
Rock Psicodélico
New Wave
Grunge
Glam Metal
Rock Alternativo
Instrumental
Outro:

8. Por que adotou este estilo, vertente? *

Sua resposta

9. Quais as influências musicais da banda? *

Sua resposta

10. A banda já tocou fora do de DF? *

Sim

Não

11. A banda possui blog ou site? *

Sim

Não

Outro:

12. Qual site, blog, contato da banda? *

ANEXO 2

Termo de cessão de direitos autorais pelo uso de dados, imagem e áudio

**TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS PELO USO DE DADOS, IMAGEM E ÁUDIO**

Pelo presente instrumento particular de cessão de direitos autorais, Aderval Martis de Freitas, brasileiro, portador da Carteira de Identidade nº [REDACTED] SSP/DF e do CPF nº [REDACTED], residente na SRES Quadra [REDACTED] Cruzeiro Velho, na cidade de Brasília, UF DF, doravante denominado **CEDENTE**, com base nas disposições da Lei 9.610/98, **CEDE** de forma integral, definitiva e gratuita, à Universidade de Brasília – UnB, Instituição Federal de Ensino Superior, inscrita no CNPJ sob o n. 00.038.174/0001-43, todos os direitos autorais patrimoniais sobre o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo **Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural**, mediante as condições abaixo que, voluntariamente, aceita e outorga:

Cláusula Primeira – A presente cessão de direitos autorais é feita a título gratuito, sem qualquer remuneração ou compensação e possui caráter irrevogável e irretroatável.

Cláusula Segunda – A presente cessão de direitos autorais confere à UnB o direito de utilizar, no todo ou em parte, o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo aluno Márcio Apolinário de Oliveira Silva, como lhe aprouver, sob qualquer modalidade, incluindo, mas não se limitando, à reprodução, divulgação, promoção, produção de mídia ou qualquer outro meio, desde que não vedado em Lei.

Cláusula Terceira – A UnB poderá promover quantas edições do material forem necessárias, bem como a sua distribuição no mercado nacional ou exterior.

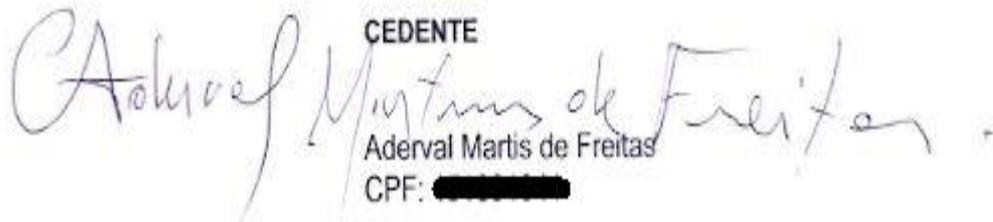
Cláusula Quarta – O **CEDENTE** declara que o conteúdo do material produzido, objeto da presente cessão, é de sua exclusiva autoria, sendo titular e detentora dos direitos autorais sobre mesmo, razão pela qual assume inteira responsabilidade por eventual reivindicação desses direitos por parte de terceiros ou questionamentos judiciais ou extrajudiciais decorrentes de sua divulgação.

Cláusula Quinta – A UnB poderá promover o registro do material produzido nos termos do art. 19 da Lei nº 9.610/1998.

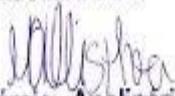
Cláusula Sexta – A presente cessão de direitos autorais patrimoniais vigorará pelo prazo de 05 (cinco) anos, contados da data de assinatura deste Instrumento, podendo ser renovada pelo **CEDENTE**, por interesse da UnB.

E assim, por estar de acordo com todas as condições deste Termo de Cessão de Direitos Autorais, firma o presente em duas vias, de igual teor e forma, para um só efeito na presença das testemunhas abaixo.

Brasília, 18 de janeiro, de 2019.


CEDENTE
 Aderval Martis de Freitas
 CPF: ██████████

CESSIONÁRIO

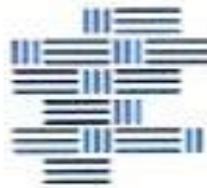

 Márcio Apolinário de Oliveira
 Silva. CPF ██████████
 Pesquisador do Curso de
 Especialização em Educação e
 Patrimônio Cultural

O rock autoral do DF

TESTEMUNHAS

NOME:
 CPF:

NOME:
 CPF:



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS PELO USO DE DADOS, IMAGEM E ÁUDIO

Pelo presente instrumento particular de cessão de direitos autorais, Hélio Cavalcante Silva, brasileiro, portador da Carteira de Identidade nº [REDACTED] SSP/DF e do CPF nº [REDACTED], residente na Q[REDACTED] Guarã I, na cidade de Brasília, UF DF, doravante denominado **CEDENTE**, com base nas disposições da Lei 9.610/98, CEDE de forma integral, definitiva e gratuita, à Universidade de Brasília – UnB, Instituição Federal de Ensino Superior, inscrita no CNPJ sob o n. 00.038.174/0001-43, todos os direitos autorais patrimoniais sobre o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo **Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural**, mediante as condições abaixo que, voluntariamente, aceita e outorga:

Cláusula Primeira – A presente cessão de direitos autorais é feita a título gratuito, sem qualquer remuneração ou compensação e possui caráter irrevogável e irretroatável.

Cláusula Segunda – A presente cessão de direitos autorais confere à UnB o direito de utilizar, no todo ou em parte, o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo aluno Márcio Apolinário de Oliveira Silva, como lhe aprouver, sob qualquer modalidade, incluindo, mas não se limitando, à reprodução, divulgação, promoção, produção de mídia ou qualquer outro meio, desde que não vedado em Lei.

Cláusula Terceira – A UnB poderá promover quantas edições do material forem necessárias, bem como a sua distribuição no mercado nacional ou exterior.

Cláusula Quarta – O **CEDENTE** declara que o conteúdo do material produzido, objeto da presente cessão, é de sua exclusiva autoria, sendo titular e detentora dos direitos autorais sobre mesmo, razão pela qual assume inteira responsabilidade por eventual reivindicação desses direitos por parte de terceiros ou questionamentos judiciais ou extrajudiciais decorrentes de sua divulgação.

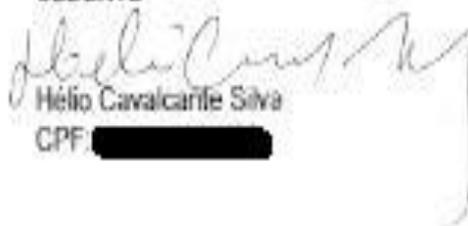
Cláusula Quinta – A UnB poderá promover o registro do material produzido nos termos do art. 19 da Lei nº 9.610/1998.

Cláusula Sexta – A presente cessão de direitos autorais patrimoniais vigorará pelo prazo de 05 (cinco) anos, contados da data de assinatura deste Instrumento, podendo ser renovada pelo CEDENTE, por interesse da UnB.

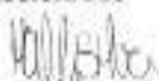
E assim, por estar de acordo com todas as condições deste Termo de Cessão de Direitos Autorais, firma o presente em duas vias, de igual teor e forma, para um só efeito na presença das testemunhas abaixo.

Brasília, 18 de janeiro, de 2019.

CEDENTE


Hélio Cavalcante Silva
CPF: [REDACTED]

CESSIONÁRIO

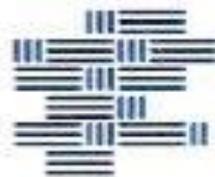

Márcio Apolinário de Oliveira
Silva, CPF: [REDACTED]
Pesquisador do Curso de
Especialização em Educação e
Patrimônio Cultural.

O rock autoral do DF.

TESTEMUNHAS

NOME:
CPF:

NOME:
CPF:



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO**TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS PELO USO DE DADOS, IMAGEM E ÁUDIO**

Pelo presente instrumento particular de cessão de direitos autorais, eu, **Carlos Alberto Neves da Silva**, nome artístico: **Cacá Silva**, brasileiro, portador da Carteira de Identidade nº 928.957 SSP/DF e do CPF nº [REDACTED] residente no Condomínio [REDACTED] DF-180 Ceilândia Norte, na cidade de Brasília, UF DF, doravante denominado **CEDENTE**, com base nas disposições da Lei 9.610/98, CEDE de forma integral, definitiva e gratuita, à **Universidade de Brasília – UnB, Instituição Federal de Ensino Superior**, inscrita no CNPJ sob o n. 00.038.174/0001-43, todos os direitos autorais patrimoniais sobre o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo **Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural**, mediante as condições abaixo que, voluntariamente, aceita e outorga:

Cláusula Primeira – A presente cessão de direitos autorais é feita a título gratuito, sem qualquer remuneração ou compensação e possui caráter irrevogável e irretroatável.

Cláusula Segunda – A presente cessão de direitos autorais confere à **UnB** o direito de utilizar, no todo ou em parte, o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo aluno **Márcio Apolinário de Oliveira Silva**, como lhe aprouver, sob qualquer modalidade, incluindo, mas não se limitando, à reprodução, divulgação, promoção, produção de mídia ou qualquer outro meio, desde que não vedado em Lei.

Cláusula Terceira – A **UnB** poderá promover quantas edições do material forem necessárias, bem como a sua distribuição no mercado nacional ou exterior.

Cláusula Quarta – O **CEDENTE** declara que o conteúdo do material produzido, objeto da presente cessão, é de sua exclusiva autoria, sendo titular e detentora dos direitos autorais sobre mesmo, razão pela qual assume inteira responsabilidade por eventual reivindicação desses direitos por parte de terceiros ou questionamentos judiciais ou extrajudiciais decorrentes de sua divulgação.

Cláusula Quinta – A **UnB** poderá promover o registro do material produzido nos termos do art. 19 da Lei nº 9.610/1998.

Cláusula Sexta – A presente cessão de direitos autorais patrimoniais vigorará pelo prazo de **05** (cinco) anos, contados da data de assinatura deste Instrumento, podendo ser renovada pelo **CEDENTE**, por interesse da **UnB**.

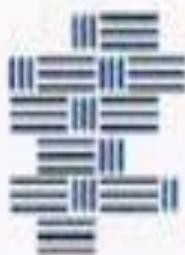
E assim, por estar de acordo com todas as condições deste **Termo de Cessão de Direitos Autorais**, firma o presente em duas vias, de igual teor e forma, para um só efeito na presença das testemunhas abaixo.

Brasília/DF, 18 de janeiro de 2019.

CEDENTE

Carlos Alberto Neves da Silva
CPF: [REDACTED]

CESSIONÁRIO



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS PELO USO DE DADOS, IMAGEM E ÁUDIO

Márcio Apolinário de Oliveira
Silva.

CPF: [REDACTED]

Pesquisador do Curso de
Especialização em Educação e
Patrimônio Cultural

O rock autoral do DF

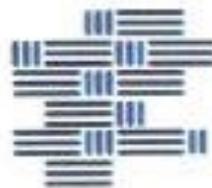
TESTEMUNHAS

NOME:

NOME:

CPF:

CPF:



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS PELO USO DE DADOS, IMAGEM E ÁUDIO

Pelo presente instrumento particular de cessão de direitos autorais, Angelo Macarius Pacheco Costa Ferreira, brasileiro, portador da Carteira de Identidade nº [REDACTED] SP/DF e do CPF nº [REDACTED], residente no Condomínio Mansões Sobradinho II, Conjunto D Lote 04, Sobradinho II, na cidade de Brasília, UF DF, doravante denominado **CEDENTE**, com base nas disposições da Lei 9.610/98, **CEDE** de forma integral, definitiva e gratuita, à Universidade de Brasília – UnB, Instituição Federal de Ensino Superior, inscrita no CNPJ sob o n. 00.038.174/0001-43, todos os direitos autorais patrimoniais sobre o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo **Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural**, mediante as condições abaixo que, voluntariamente, aceita e outorga:

Cláusula Primeira – A presente cessão de direitos autorais é feita a título gratuito, sem qualquer remuneração ou compensação e possui caráter irrevogável e irretroatável.

Cláusula Segunda – A presente cessão de direitos autorais confere à UnB o direito de utilizar, no todo ou em parte, o conteúdo pesquisado e o material didático produzido pelo aluno Márcio Apolinário de Oliveira Silva, como lhe aprouver, sob qualquer modalidade, incluindo, mas não se limitando, à reprodução, divulgação, promoção, produção de mídia ou qualquer outro meio, desde que não vedado em Lei.

Cláusula Terceira – A UnB poderá promover quantas edições do material forem necessárias, bem como a sua distribuição no mercado nacional ou exterior.

Cláusula Quarta – O **CEDENTE** declara que o conteúdo do material produzido, objeto da presente cessão, é de sua exclusiva autoria, sendo titular e detentora dos direitos autorais sobre mesmo, razão pela qual assume inteira responsabilidade por eventual reivindicação desses direitos por parte de terceiros ou questionamentos judiciais ou extrajudiciais decorrentes de sua divulgação.

Cláusula Quinta – A UnB poderá promover o registro do material produzido nos termos do art. 19 da Lei nº 9.610/1998.

Cláusula Sexta – A presente cessão de direitos autorais patrimoniais vigorará pelo prazo de 05 (cinco) anos, contados da data de assinatura deste Instrumento, podendo ser renovada pelo **CEDENTE**, por interesse da UnB.

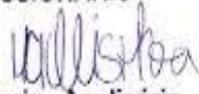
E assim, por estar de acordo com todas as condições deste Termo de Cessão de Direitos Autorais, firma o presente em duas vias, de igual teor e forma, para um só efeito na presença das testemunhas abaixo.

Brasília, 18 de janeiro, de 2019.

CEDENTE

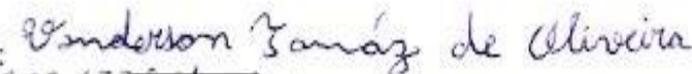

 Angelo Macáriu Pacheco
 Costa Ferreira.
 CPF: ██████████

CESSIONÁRIO


 Márcio Apolinário de Oliveira
 Silva. CPF: ██████████
 Pesquisador do Curso de
 Especialização em Educação e
 Patrimônio Cultural.

O rock autoral do DF

TESTEMUNHAS

NOME: 
 CPF: ██████████

NOME:
 CPF: